

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE DIREITO E CIÊNCIAS DO ESTADO

GUSTAVO LIMA E SANTOS

**ARMAS NUCLEARES E O SÉCULO AMERICANO: COMO A TECNOLOGIA  
NUCLEAR MOLDOU A POLÍTICA INTERNACIONAL**

BELO HORIZONTE  
2018

**Gustavo Lima E Santos**

**ARMAS NUCLEARES E O SÉCULO AMERICANO: COMO A TECNOLOGIA  
NUCLEAR MOLDOU A POLÍTICA INTERNACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Ciências do Estado, da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG -, como requisito final para a obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Renato Cardoso

BELO HORIZONTE  
2018

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

GUSTAVO LIMA E SANTOS

### **ARMAS NUCLEARES E O SÉCULO AMERICANO: COMO A TECNOLOGIA NUCLEAR MOLDOU A POLÍTICA INTERNACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Ciências do Estado, da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG -, como requisito final para a obtenção do título de Bacharel.

---

Prof. Dr. Renato Cardoso

Orientador – Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG

---

Prof. Dr. Adamo Dias Alves

---

Hugo Rezende Henriques

Doutorando em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, Minas Gerais, 14 de novembro de 2018

*Dedico este trabalho Jo Jung-In.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Universidade Federal de Minas Gerais pela oferta e oportunidade de fazer um curso tão importante e valioso quanto este.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Renato Cardoso, por toda ajuda que me proporcionou nestes anos, confiando em meu potencial e abrindo portas para mim.

Agradeço especialmente aos meus amigos, que me apoiaram nos momentos de dificuldade e me proporcionaram ajuda quando mais precisei.

Meus agradecimentos em especial à minha namorada Alice Castelani, que me apoiou e confiou em meu potencial, nos momentos de dúvida e fraqueza que passei.

E finalmente à minha família, pelas oportunidades e pelo apoio durante o caminho.

*“Those who cannot remember the past are  
condemned to repeat it.”  
George Santayana, 1905*

## RESUMO

SANTOS, Gustavo Lima. **Armas nucleares e o século americano: Como a tecnologia nuclear moldou a política internacional**. 2018. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Ciências do Estado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, utilizarei a história do século XX, dando enfoque ao aspecto político-diplomático da Guerra Fria, para compreender melhor o papel das armas de destruição em massa de natureza nuclear nas relações interestatais e na criação do mundo do século XXI. Utilizando do método de pesquisa exploratório, de caráter qualitativo, visamos analisar os eventos relacionados à tecnologia nuclear e a diversidade dos esforços internacionais para frear a proliferação de armas nucleares no sistema de segurança internacional. Buscaremos, por fim, analisar criticamente a efetividade destes esforços, considerando a atual situação dos processos de desnuclearização das nações, sob o enfoque da Coreia do Norte, nação conhecida por sua forte oposição ao Ocidente, detentora de um dos últimos governos comunistas pós-Guerra Fria e vítima das guerras indiretas do mundo bipolar da época.

**Palavras-chaves:** Relações Internacionais. Guerra Fria. Coreia do Norte. Armas Nucleares.

## ABSTRACT

SANTOS, Gustavo Lima. **Nuclear Weapons and the American Century: How nuclear technology has shaped international politics.** 2018. 47f. Final Thesis (Undergraduate) – Political Affairs. Federal University of Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.

In this final thesis, we use the history of the twentieth century, focusing on the political-diplomatic aspect of the Cold War, to better understand the role of weapons of mass destruction, from the nuclear kind, in inter-state relations and the creation of the world of the 21st century. Using the exploratory method of qualitative character, we aim to analyze the events related to nuclear technology and the diversity of international efforts to curb the proliferation of nuclear weapons in the international security system. Finally, we will look critically at the effectiveness of these efforts, considering the current situation of denuclearization processes of nations, under the focus of North Korea, a nation known as a strong opposer of the West, one of the last communist survivors of the Cold War and victim of the indirect wars of the bipolar world of the time.

**Keywords:** International Relations. Cold War. Northern Union. Nuclear weapons.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	12
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	13
<b>4. AMEAÇA NUCLEAR</b> .....	14
4.1 CONTEXTO - GUERRA DAS COREIAS E A COREIA DO NORTE COMO INIMIGO DO OCIDENTE .....	14
4.2 ARMAS NUCLEARES E A ORDEM DE PODER .....	18
<b>5. MEDIDAS DO PROCESSO DE DESNUCLEARIZAÇÃO</b> .....	25
5.1 O PAPEL DAS NAÇÕES UNIDAS E DOS ÓRGÃOS INTERNACIONAIS .....	25
5.2 OS TRATADOS, OS ACORDOS INTERNACIONAIS E AS POLÍTICAS POR TRÁS DELES .....	31
<b>6. O MUNDO PÓS ARMAS NUCLEARES</b> .....	38
6.1 A NUCLEARIZAÇÃO DA COREIA DO NORTE .....	38
<b>7. CONCLUSÃO</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	43

## 1 INTRODUÇÃO

*“In March 1947, reports appeared about an exchange that Einstein reportedly had with a group of friends at a dinner party: Professor Albert Einstein was asked by friends at a recent dinner party what new weapons might be employed in World War III. Appalled at the implications, he shook his head. After several minutes of meditation, he said. “I don’t know what weapons might be used in World War III. But there isn’t any doubt what weapons will be used in World War IV.” “And what are those?” a guest asked. “Stone spears,” said Einstein.”*

Desde os bombardeamentos atômicos das cidades de Hiroshima e Nagasaki no final da Segunda Guerra Mundial as preocupações internacionais em torno do desenvolvimento do poderio nuclear começaram a se intensificar, mudando o rumo das relações no cenário internacional, que agora conviveria com a ameaça de destruição em massa iminente. Desde então, diversas iniciativas<sup>1</sup> e discussões têm sido postas em debate no intuito de impedir investimentos em armamentos nucleares, buscando o uso pacífico desta forma de energia.

É inevitável que, caso observemos o mundo de hoje e olhemos para o passado recente, com o período pós Segunda Guerra Mundial e com a Guerra Fria, cheguemos à realidade dos fatos: a tecnologia nuclear, em especial, as armas nucleares, moldaram o nosso presente e deixam nosso futuro incerto.

Entretanto, pouco se fala sobre o papel político que esses instrumentos possuem nas relações internacionais e como, diplomaticamente falando, essas ferramentas impactaram as atuais relações interestatais. Ao mesmo tempo que devemos reconhecer o poder de destruição dessas armas, também devemos trabalhar o elemento político que, de forma contra intuitiva para muitos, deixa nosso mundo tão mais perigoso e inseguro.

Justamente por conta disso que este trabalho de conclusão de curso se aterá, principalmente, ao papel político que esse instrumento possui, fazendo uma retrospectiva e observando a história por trás de sua importância, analisando certos eventos como o final da Segunda Guerra Mundial e questionando o porquê de seu uso, levando em consideração as circunstâncias da época.

Tal temática e discussão se torna tão importante e urgente no atual momento de nossa história, quando colocamos nações como Coreia do Norte na equação, que, em função de diversos fatores, têm tido de forma tão determinada, o desejo de entrar no grupo seleto de

---

<sup>1</sup> Em 1945, Estados Unidos, Reino Unido e Canadá constituem primeiro ato internacional em favor da interdição das armas atômicas, conhecido como Declaração das Três Potências. Em junho de 1961, entra em vigor o Tratado Antártico. Em outubro de 1963, entra em vigor o Tratado sobre a proibição parcial dos ensaios nucleares. Em janeiro de 1967, entra em vigor o Tratado sobre o Espaço Ultraterrestre e o Tratado de Tlatelolco (Tratado para Proscrição das Armas Nucleares na América Latina). Em março de 1970, entra em vigor o Tratado de Não-Proliferação das Armas Nucleares (TNP). Em janeiro de 1972, entra em vigor o Tratado dos Fundos Marinhos. Em maio de 1972, EUA e URSS assinaram dois pactos resultantes das negociações sobre limitação de armas estratégicas. (JUNIOR; MARQUES, 1978)

países que possuem essa arma de destruição em massa. Iniciaremos, portanto, nosso trabalho estudando a história desse país, para que seu posicionamento atual nas relações internacionais seja melhor compreendido. Após essa análise histórica, observaremos a própria cronologia das bombas atômicas, dando ênfase em seu único uso em situação de guerra, para que possamos compreender o papel político que as mesmas possuem, analisando os impactos diplomáticos que estes ataques tiveram.

Ao falarmos destes elementos, daremos uma outra perspectiva ao trabalho, observando as políticas diplomáticas que ocorreram nesses momentos anteriormente mencionados. Desta forma, trabalharemos a criação das instituições internacionais e veremos como organizações como as Nações Unidas vieram a nascer, e como elas lidam com uma questão tão intrínseca à sua criação como a energia nuclear.

Por conta dessa análise, teremos base para, em um segundo momento, observar os tratados e convenções internacionais na temática, que, de uma forma ou de outra, representam os esforços internacionais em controlar uma questão tão delicada quanto esta.

Quando pensamos nos esforços internacionais contra o uso hostil da energia nuclear, o Tratado Internacional de Não Proliferação das Armas Nucleares se torna um excelente exemplo, sendo uma ferramenta essencial na tentativa de desincentivar e limitar o número de armas nucleares existentes no mundo.

O Tratado de Não-Proliferação das Armas Nucleares foi aberto à assinatura em 19 de julho de 1968 e entrou em vigor em 5 de março de 1970. Ao assinar o tratado, os países que ainda não possuem armas nucleares abrem mão de qualquer direito ou intenção de fabricá-las. As potências nucleares, por seu lado, comprometem-se a não ajudar as nações do primeiro grupo a fabricarem armas atômicas.<sup>2</sup>

Atualmente, 189 Estados ratificaram o tratado,<sup>3</sup> entre os quais se encontram as principais potências nucleares mundiais - Estados Unidos, Rússia, China, Reino Unido e França - que concentram cerca de 90% das armas nucleares.<sup>4</sup>

Asseguradamente, a criação desse tratado foi um passo importante no que tange o controle da proliferação de armas nucleares. Desde sua criação, além dos cinco países que já possuíam armas nucleares, Israel - que nunca admitiu possuir essas armas publicamente,

---

<sup>2</sup> JUNIOR, Jupy Montenegro Magalhães; MARQUES, Fernando Mário Rodrigues. A proliferação nuclear. *Revista de Administração Pública*, 12 (4). Rio de Janeiro, out/dez de 1978, p.180.

<sup>3</sup> Ao todo, 189 países e Taiwan, que a ONU reconhece como território chinês, aderiram ao TNP. Apenas Israel, Paquistão, Índia e Coreia do Norte não fazem parte do acordo. Os norte-coreanos inicialmente aderiram ao TNP, mas em janeiro de 2003 se retiraram do tratado. O Brasil entrou é signatário desde setembro de 1998. (COSCELLI, João; GODOY, Roberto, 2010).

<sup>4</sup> 50 anos do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares. *Fundação FHC*, 20 mar. 2018. [Acessado em 27/10/2018]. Disponível em <<https://medium.com/funda%C3%A7%C3%A3o-fhc/50-anos-do-tratado-de-n%C3%A3o-prolifera%C3%A7%C3%A3o-de-armas-nucleares-14a49fba3b9f>>.

porém a comunidade internacional suspeita com forte veemência da existência das mesmas,<sup>5</sup> Índia e Paquistão, que nunca aderiram, se tornaram nucleares.<sup>6</sup> Apesar de sua significativa importância no controle da expansão do poderio bélico nuclear, o TNP não apresenta mecanismos que visem o desarmamento das nações possuidoras de armas nucleares, o que consequentemente gera certo congelamento do *status quo* do poderio nuclear mundial.

O tratado representou um importante passo em direção a redução do risco de posse generalizada de armas atômicas, mas em contrapartida, consolida, em termos definitivos, a hegemonia das potências nucleares sobre as demais nações.<sup>7</sup> Em função deste elemento, trabalharemos teorias como o equilíbrio de poder e o dilema de segurança, que evidenciam de forma objetiva e sucinta, como a manutenção desse atual *status quo* não é saudável para a manutenção da segurança no globo.

Uma vez percorrido sobre esse cenário essencial para a compreensão da atual crise nuclear, teremos a base necessária para analisar o caso específico da Coreia do Norte, que em grande parte dos aspectos previamente tocados, se apresenta como divergente e singular, necessitando-se de uma contextualização particular.

Ao final de tudo, concluiremos o trabalho com uma reflexão final sobre a problemática do aspecto nuclear no mundo pós-Guerra Fria, utilizando a Coreia do Norte como exemplo primário de como em um mundo plural e desigual como esse, onde alianças e inimizades podem durar gerações e eclodir nas mais diversas formas de conflitos, uma ferramenta como a bomba atômica representa um caminho sem volta.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Desde a declaração norte coreana do ano de 2006 referente à posse de armas nucleares, a comunidade internacional tem se deparado novamente com um medo já conhecido. Entretanto, por circunstâncias únicas deste cenário, a mesma ameaça que o mundo viveu durante a Guerra Fria, se apresenta de forma bem diferente e única, necessitando de respostas e reações novas, se comparadas às que resolveram o atrito entre U.R.S.S. e U.S.A.

A posse de armas nucleares por outros países que não os famosos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas é um tema que já foi debatido por mais de seis décadas. Enquanto temos nações como Índia e Cazaquistão, que

---

<sup>5</sup> The Truth about Israels Secret Nuclear Arsenal.The *Guardian*, 15 Jan. 2014. [Acessado em 27/10/2018]. Disponível em <<https://www.theguardian.com/world/2014/jan/15/truth-israels-secret-nuclear-arsenal>>.

<sup>6</sup> Fundação FHC. *Ibid*, 2018.

<sup>7</sup> JUNIOR; MAGALHÃES. *Ibid*, 1978, p.183.

buscaram esse armamento bélico como forma de retaliação e argumento de dissuasão para com o outro, ou como Israel, que por mais que nunca tenha admitido abertamente posse dessas ferramentas, busca encontrar nela um meio de intimidação, como forma de garantia da própria sobrevivência, a República Popular Democrática da Coreia vê nesta ferramenta um uso especial e mais retrógrado, lembrando-nos do período onde União Soviética, ainda em toda sua força, se opunha ao mundo capitalista e a tudo que ele representava.

Ao percebermos o que um armamento nuclear representa na mão de uma nação tão antiocidental como a norte coreana, nos deparamos novamente com um mundo no qual essa tecnologia se torna uma ferramenta política, onde a ameaça de seu uso se torna muito mais eficaz em controlar políticas internacionais do que um ataque real.

É perante essa realidade que este trabalho busca, com o uso de pensadores e teóricos como Hans Morgenthau, Raymond Aron e John Herz, para nomear alguns, entender como instrumentos de guerra se apropriam de elementos políticos e modificam como as relações entre diferentes Estados ocorre, principalmente quando várias dessas nações possuem poder e influência no cenário internacional, como através das Nações Unidas.

Por isso, também utilizaremos muito neste trabalho, tratados internacionais, convenções bilaterais e multilaterais, e estudos e análises de organizações internacionais, vinculadas ou não à ONU, para que possamos ver os impactos dessa tecnologia nas políticas e na representação de interesses nacionais no cenário global.

O perigo que uma arma como essa apresenta para humanidade vai além de sua capacidade destrutiva, visto que sua mera existência define como o resto do mundo agir e reagirá perante a nação que escolha usá-la para dar continuidade à sua agenda política individual.

### **3 METODOLOGIA**

Para melhor abordarmos o elemento político da tecnologia nuclear, partiremos inicialmente de uma perspectiva histórica, nos debruçando em historiadores e registros históricos, com a intenção de que essa exploração da narrativa da sociedade moderna possa nos mostrar como o mundo de hoje veio a ser o que é atualmente. Como consequência, essa exploração nos levará, principalmente, à análise profunda de certos momentos da história humana, como o Final da Segunda Guerra Mundial, a criação da Organização das Nações Unidas e a Guerra da Coreia.

Após este momento de análise da história, utilizaremos os elementos políticos de suas respectivas épocas para que possamos analisar esses mesmos eventos históricos, de tal forma

que tenhamos base argumentativa para nos posicionarmos criticamente perante as argumentações e justificativas que foram apresentadas nessas últimas cinco décadas.

Como instrumento para tal crítica, utilizaremos a Coreia do Norte como nosso objeto de estudo, explorando, através das teorias, dos exemplos e dos acontecimentos, a maneira dela se apresentar como ameaça à segurança internacional, e quais as motivações dela para tal. Para tal, necessitaremos de observar o próprio ocidente, e nos questionarmos como a própria argumentação e como o próprio uso de seu armamento nuclear, instiga nações como a Coreia do Norte a se opor dessa forma ao atual *status quo*.

## **4 AMEAÇA NUCLEAR**

### **4.1 CONTEXTO HISTÓRICO - GUERRA DAS COREIAS E A COREIA DO NORTE COMO INIMIGO DO OCIDENTE**

Para compreender o atual posicionamento da República Popular Democrática da Coreia, popularmente conhecida como Coreia do Norte, devemos, primeiramente, analisar o evento que gerou a divisão da península coreana e levou à criação desse Estado. Muitos são os fatores que impactaram a região para que ela se tornasse o território cheio de tensões que é hoje, porém, se olharmos por uma perspectiva histórica e cronológica, se tornará indispensável a análise de certos eventos específicos.

De modo retrospectivo, podemos começar nossa análise por um conflito anterior à Primeira Guerra Mundial, com a guerra que ficou conhecida como a Primeira Guerra Sino-Japonesa.<sup>8</sup> Esse conflito, que ocorreu durante o período de 1894 e 1895, resultou na conquista japonesa das regiões continentais da Península Coreana e da região da Manchúria, na China. Tal domínio japonês, que se limitava a uma ocupação militar,<sup>9</sup> transformou a região em um protetorado com o Tratado de Eulsa,<sup>10</sup> celebrado no ano de 1905. Pouco tempo depois, em 1910, ocorreu a real anexação da Coreia pelo Japão, efetivada pelo Tratado de Anexação Japão-Coreia,<sup>11</sup> e foi neste momento que se iniciou o período de colonização japonesa sobre os coreanos, que durou até o ano de 1945.

Essa colonização deixou marcas profundas na nação e em seu povo, e só se concluiu com o fim da Segunda Guerra Mundial, com a rendição do Império do Sol Nascente.<sup>12</sup> Os

---

<sup>8</sup> DREA, Edward J.: *Japan's Imperial Army. Its Rise and Fall, 1853-1945*. University Press, USA. 2009.

<sup>9</sup> DREA, Edward J. 2009. *Ibid*.

<sup>10</sup> Yi Tae-Jin.: *Treaties Leading to Japan's Annexation of Korea: What Are the Problems?* *Korean Journal*, Vol.56. No.4 winter, 2016 pp.5~32

<sup>11</sup> Yi Tae-Jin. 2016. *Ibid*, pp.5~32.

<sup>12</sup> DREA, Edward J. 2009. *Ibid*.

japoneses finalmente se retiraram da região pouco tempo depois dos episódios nucleares das cidades de Hiroshima e Nagasaki, que ocorreram em agosto de 45, devolvendo a Península Coreana aos seus devidos soberanos, juntamente com todos os outros territórios que conquistaram nas últimas décadas.

O período em que o Japão dominou parte do continente foi extremamente problemático e polêmico. Inúmeros crimes de guerras foram perpetrados pelas forças japonesas<sup>13</sup> e os impactos da presença das tropas fascistas<sup>14</sup> naquela nação seriam sentidos de forma profunda, tanto entre a sociedade civil, quanto na organização do poder e na organização do Estado.

Como consequência, após essas décadas de domínio, a comunidade internacional viu uma necessidade de intervir na península para ajudar em sua reconstrução e para poder influenciar o futuro do país. Desta forma, conforme decidido na Conferência de Moscou do ano de 1945<sup>15</sup>

Os comandos militares rivais norte-americanos e soviéticos na Coreia estabeleceriam uma Comissão Conjunta para fazer recomendações para a criação de um único governo livre na Coreia. Esta Comissão foi tratada com grande suspeita em ambos os lados desde o seu início. Entretanto, a decisão mais importante foi a decisão de que essa administração deveria ser composta por quatro potências e deveria se manter no poder por no mínimo cinco anos, para que a Coreia atingisse a independência.<sup>16</sup>

Ao final foi-se decidido que a nação Coreana seria dividida em dois Estados, sendo o paralelo 38 a referência para tal divisão. Entretanto, essa secessão, que foi feita de maneira completamente arbitrária e imposta, acabou gerando vários problemas,<sup>17</sup> sendo um deles a intensificação de um sentimento antiamericano que parte da população ali já possuía.

A proximidade territorial com a U.R.S.S. e com a China, que se encontrava em estado

---

<sup>13</sup> Muitas foram as brutalidades cometidas pelos militares japoneses em solo coreano durante o período colonial, porém, podemos dar maior destaque às mulheres que foram forçadas a serem escravas sexuais das tropas invasoras. Para saber mais: <<https://www.history.com/news/comfort-women-japan-military-brothels-korea>>.

<sup>14</sup> Neste momento, usamos o termo “fascista” para fazer alusão ao fato de que o Império Japonês mantinha comportamentos políticos e defendia uma ideologia social muito parecida com a de seus aliados europeus. Mais precisamente, estamos nos referindo às políticas imperialistas, à ideologia ultranacionalista e ao sentimento de xenofobia e superioridade racial que todos estes países tinham em comum.

<sup>15</sup> The Foreign Ministers of the United States, the United Kingdom and Soviet Union. *Moscow Meeting of Council of Foreign Ministers*. Moscow, 1945. Disponível em <<http://www.loc.gov/law/help/us-treaties/bevans/m-ust000003-1341.pdf>>.

<sup>16</sup> LECKIE, Robert. *Conflict: The History of the Korean War 1950-1953*. New York: *G. P. Putnam's Sons*. 1962. pp. 34. Acessado em [13/11/2018]. Disponível em <<https://archive.org/details/conflicthehisto013655mbp/page/n259>>. (Tradução do autor). Texto original: “The rival U.S. and Soviet military commands in Korea would set up a Joint Commission to make recommendations of a single free government in Korea. This Commission was treated with great suspicion on both sides from its inception. Most important was the decision that a four-power trusteeship of up to five years would be needed before Korea attained independence.

<sup>17</sup> MERRILL, John. “Cheju-do Rebellion”, *The Journal of Korean Studies*, pp. 139–197, 1980.

de guerra civil envolvendo o partido comunista local a anos,<sup>18</sup> permitiu que grande parte da população coreana, principalmente mais ao norte, tivesse já tido contato e aderido à ideologia comunista. Muitos destes até fizeram parte de grupos de resistência contra os japoneses nos anos de ocupação, inclusive Kim Il-Sung,<sup>19</sup> líder do partido comunista coreano e quem viria a se tornar líder da nação do Norte.

Ao levarmos todas essas questões em consideração, quando, em Novembro de 1947, foi-se decidido por ordem das Nações Unidas,<sup>20</sup> que eleições presidenciais ocorreriam no país, administradas pela Comissão Temporária das Nações Unidas na Coreia, podemos ver a fundação do que viria a ser a Guerra das Coreias,<sup>21</sup> e que levaria à intensificação do sentimento antiocidental na região.

Essas eleições presidenciais não foram vistas como legítimas pela União Soviética nem pela Coreia do Norte, uma vez que ambos países tinham o desejo de unificar a península sob um único governo comunista. Como consequência, a vitória eleitoral de Syngman Rhee no ano de 1948,<sup>22</sup> foi rejeitada por ambos países comunistas.

Por não virem legitimidade na vitória do candidato aliado do Ocidente, em junho de 1950, por volta de 100.000 soldados norte coreanos atravessaram o paralelo 38 e invadiram a Coreia do Sul.<sup>23</sup> Tal ação, que era apoiada politicamente pelo governo chinês, que já estava sob o comando do partido comunista,<sup>24</sup> e pelo governo soviético, foi vista como completamente inesperada pela Coreia do Sul e por seus aliados.

Com uma invasão inicialmente extremamente efetiva, forças americanas e das Nações Unidas<sup>25</sup> foram encaminhadas para a península, com o intuito de manter a soberania do sul. O conflito, que acabou envolvendo tropas chinesas em apoio às forças do norte,<sup>26</sup> durou três anos e não obteve nenhum vencedor claro, visto que ambos exércitos acabaram alcançando um impasse no próprio paralelo 38, sem nenhum ganho substancial de território.

---

<sup>18</sup> MCMAHON, Robert. *The Cold War: A Very Short Introduction*. Oxford University Press. 2003. New York.

<sup>19</sup> MCMAHON, Robert. 2003. *Ibid*.

<sup>20</sup> SAVADA, Andrea Matles Savada; SHAW, William. *South Korea: A Country Study: South Korea Under United States Occupation, 1945-48*. Washington: GPO for the Library of Congress. 1990. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<http://countrystudies.us/south-korea/9.htm>>.

<sup>21</sup> MCMAHON, Robert. 2003. *Ibid*.

<sup>22</sup> MCMAHON, Robert. 2003. *Ibid*.

<sup>23</sup> MCMAHON, Robert. 2003. *Ibid*.

<sup>24</sup> MCMAHON, Robert. 2003. *Ibid*.

<sup>25</sup> Resoluções das Nações Unidas Nº 82, 83 e 84. *Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas*. Acessado em [31/10/2018]. Mais informações disponíveis em <<http://unscr.com/en/resolutions/doc/82>>; <<http://unscr.com/en/resolutions/doc/83>>; <<http://unscr.com/en/resolutions/doc/84>>.

<sup>26</sup> MCMAHON, Robert. 2003. *Ibid*.



**Mapa 1. Guerra Coreana 1950 - 1953**  
**Movimentação das tropas. Fonte: MCMAHON, Robert. *The Cold War: A Very Short Introduction*. Oxford University Press. 2003, p.54.**

A recapitulação histórica feita anteriormente nos mostra uma informação extremamente importante e valiosa sobre o período da Guerra Fria e sobre a conhecida “era nuclear”. Se observarmos a relação entre os E.U.A. e U.R.S.S. até o ano de 1950, perceberemos que a interação entre os Estados Capitalistas e os Estados Comunistas não possuía uma natureza militar. Como disse o Prof. Warren I. Cohen, a Guerra Coreana foi “uma guerra que alteraria a natureza do confronto soviético-americano, transformando-o de uma competição política sistêmica em uma competição ideológica militarizada que ameaçava a própria sobrevivência do mundo”.<sup>27</sup>

Ao final dessa guerra, a perspectiva global sobre a dicotomia da Guerra Fria mudou e, conforme o autor Robert McMahon em seu livro “Cold War: A Very Short Introduction” (Guerra Fria: Uma Pequena Introdução)

O mundo também enfrentou uma Guerra Fria inteiramente nova nessa época, cujas fronteiras alcançaram bem além da Europa. A emergência do regime de Mao na China, a aliança sino-soviética, o apoio soviético e chinês ao aventureirismo norte-coreano, a intervenção dos EUA e das forças das Nações Unidas na Coreia, a

<sup>27</sup> MCMAHON, Robert. 2003. *Ibid*, p. 51. (Tradução do autor). Texto original: “a war that would alter the nature of the Soviet-American confrontation, change it from a systemic political competition into an ideologically driven, militarized contest that threatened the very survival of the globe.”

subseqüente entrada de tropas chinesas, a presença de elementos comunistas dentro dos movimentos nacionalistas do Sudeste Asiático - tudo garantiu que a Guerra Fria permanecesse uma presença dominante na Ásia do pós-guerra pelo longo tempo que viria. A Guerra das Coreias se arrastou inconclusivamente até julho 1953, quando as partes em guerra assinaram um armistício que alcançou pouco mais do que uma troca de prisioneiros de guerra e um retorno ao *status quo ante bellum*. O paralelo 38 permaneceu uma sinistra linha de divisão - não apenas entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul, mas entre os blocos oriental e ocidental.<sup>28</sup>

Essa mudança de paradigma, de um embate político econômico para um conflito ideológico com envolvimento de tecnologia bélica é o que nos leva a ver e sentir o poder da tecnologia nuclear como ferramenta política. Se lembrarmos que a U.R.S.S. já possuía bombas atômicas desde o ano de 1949,<sup>29</sup> presenciaremos após a Guerra das Coreias uma Guerra Fria onde ambos líderes mundiais possuem a mesma tecnologia – uma ferramenta de destruição em massa que, se utilizada, as consequências e os danos poderiam ser grandes demais para se falar de uma reconstrução “pós-guerra nuclear”.

#### 4.2 ARMAS NUCLEARES E A ORDEM DE PODER

No final da Segunda Guerra Mundial, um dos momentos mais icônicos da história da humanidade mudaria o mundo e a forma como os países se relacionavam com o poder no cenário internacional de formas irremediáveis. Os motivos que justificam os atentados nucleares às cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki nunca foram muito bem esclarecidos. O Governo americano diz que tal ataque era necessário para se trazer um fim àquela terrível guerra e forçar a nação do Japão a se render,<sup>30</sup> salvando, assim, vidas americanas. Entretanto, outra justificativa também é comumente utilizada, sendo até mais famosa e polêmica que a anterior.

De acordo com esta outra perspectiva, Hiroshima e Nagasaki serviram como um teatro, um palco mundial para que uma mensagem fosse passada àqueles que se opunham aos Estados Unidos da América.<sup>31</sup> A demonstração do poderio americano era uma mensagem à União Soviética e a todos os países que se juntassem ao bloco comunista.

---

<sup>28</sup> MCMAHON, Robert. 2003. *Ibid*, p. 53. (Tradução do autor). Texto original: “The world faced an entirely new Cold War by that time as well, one whose boundaries reached well beyond Europe. The emergence of Mao’s regime in China, the Sino-Soviet alliance, Soviet and Chinese support for North Korean adventurism, the intervention of US and UN forces in Korea, the subsequent entry of Chinese troops, the presence of communist elements within Southeast Asia’s nationalist movements – all ensured that the Cold War would remain a commanding presence in postwar Asia for a long time to come. The Korean War itself dragged on inconclusively until July 1953, when the warring parties signed an armistice that achieved little more than an exchange of prisoners-of-war and a return to the *status quo ante bellum*. The 38th parallel remained an ominous line of division – not just between North and South Korea, but between the Eastern and Western blocs.”

<sup>29</sup> No ano de 1949, a União Soviética realiza seu primeiro teste nuclear, com a bomba conhecida como “*First Lightning*”. Informação disponível em <<http://nuclearweaponarchive.org/Russia/Sovwpnprog.html>>.

<sup>30</sup> Discurso do Presidente Harry S. Truman sobre o ataque nuclear a Hiroshima. Disponível em <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/august-6-1945-statement-president-announcing-use-bomb>>.

<sup>31</sup> MCMAHON, Robert. 2003. *Ibid*.

Existe veracidade em ambas justificativas, visto que a nação japonesa de fato se rendeu logo após os atentados, o que encurtou a guerra em alguns meses, e a demonstração bélica americana de fato desencadeou a famosa corrida armamentista da segunda década do Séc. XX.<sup>32</sup> Contudo, como este trabalho apresentará brevemente, ambas explicações não retratam todas as questões envolvidas e acabam por não dar luz aos motivos políticos de ambos ataques.

Para compreendermos o papel e o objetivo da bomba melhor, devemos olhar para os dois únicos usos de armas nucleares contra humanos. As estimativas mais otimistas indicam que ocorreu em torno de 70.000 mortes instantâneas no dia de 6 de agosto de 1945, na cidade de Hiroshima; e em torno de 40.000 mortes em Nagasaki; em 9 de agosto, 3 dias depois.<sup>33</sup>

Quando nos deparamos com estes lastimáveis e desumanos números, é inevitável que nos voltemos para as justificativas acima citadas e nos questionemos como e por que tudo isso chegou a ocorrer. Eram as bombas, de fato, a única alternativa para terminar a guerra? E por que mandar essa mensagem dessa forma, atacando o Japão especificamente?

As primeiras informações a serem analisadas são as referentes à justificativa oficial americana; que esta era a única forma de fazer o Japão se render. Tal justificativa já foi diversas vezes rebatidas e não se fundamenta. Após uma análise histórica e militar das decisões japonesas nos últimos meses da guerra, foi-se comprovado que a Nação Imperialista Japonesa já tinha pretensões de se render, e que reuniões sobre o tema já tinham ocorrido entre os altos escalões do exércitos antes mesmo do lançamento das armas nucleares.<sup>34</sup> Esses estudos indicaram que o único motivo que impediu o Japão de alcançar um acordo e se render antes foi a exigência nipônica da preservação de sua organização social e de seu estilo de vida, preservando a monarquia e mantendo o direito divino do imperador de ser soberano.

Com a subversão de uma das justificativas graças à análise anterior, observemos o comportamento da nação soviética nesses mesmos meses finais da guerra e nos questionemos sobre as repercussões de tais ações.

Em 9 de agosto de 1945 a Operação Agosto Vermelho<sup>35</sup> entrou em atividade. Tal operação consistia na invasão da Manchúria pelo exército soviético e tinha como objetivo

---

<sup>32</sup> MCMAHON, Robert. 2003. *Ibid.*

<sup>33</sup> WILSON, Ward. The Bomb Didn't Beat Japan ... Stalin Did. *Foreign Policy Magazine*, Maio 2013. Acessado em [31/10/2018]. Disponível em <<https://foreignpolicy.com/2013/05/30/the-bomb-didnt-beat-japan-stalin-did/>>

<sup>34</sup> WILSON, Ward. 2013. *Ibid.*

<sup>35</sup> LTC GLANTZ, David M.: Leavenworth Papers No. 7. *Combat Studies Institute*, fevereiro 1983. Acessado em [31/10/2018]. Disponível em <<https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/combats-studies-institute/csi-books/Glantz-lp7.pdf>>.

consolidar o desejo soviético de quebrar o Tratado de Neutralidade entre o Japão e a União Soviética.<sup>36</sup> Lembremos que a região da Manchúria, originalmente chinesa, ainda era dominada pelo Japão, e que a China ainda passava por uma guerra civil, onde o partido comunista lutava pelo controle do poder. Uma China comunista era de grande interesse dos soviéticos.

Nesses meses finais da Segunda Grande Guerra, as estratégias políticas dos então aliados e futuros inimigos, Estados Unidos da América e União Soviética, já tinham como objetivo estabelecer vantagens sobre o mundo de amanhã. Ambas nações sabiam que após o fim dos combates sua frágil aliança viria a um fim e um grande embate em busca de influência política e econômica através do globo ocorreria. Tal fato já se tornou extremamente evidente quando observamos a Conferência de Potsdam,<sup>37</sup> encontro conhecido como “A Conferência de Berlim dos Três Chefes de Governo da U.R.S.S., E.U.A. e U.K.”. O encontro entrou para história, pois foi ali que se decidiu qual seria o futuro da Europa Pós-Guerra. Várias grandes decisões foram tomadas nesta conferência, porém algumas delas se tornaram mais icônicas. Entre elas, nós temos a divisão de Berlim entre os países vitoriosos para que estes pudessem supervisionar e administrar o Estado derrotado; e temos também a divisão das responsabilidades e das zonas de influências econômicas através do devastado continente europeu. De forma consequencial, era compreensível que o mundo inteiro fosse afetado pela nova divisão de poder, representados de forma acentuada pelo Capitalismo e pelo Comunismo, seus principais protagonistas sendo Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Compreendendo então o que viria a ocorrer nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial, tornou-se essencial para a América que certos países estratégicos não se rendessem ao comunismo. Por conta disso, antes que a nação russa pudesse derrotar a nação japonesa e seguir seus interesses políticos na região, os Estados Unidos decidiram atacar nuclearmente a nação imperialista, tanto como uma demonstração de seu poder para os comunistas, como uma forma de garantir sua total soberania sobre ilha, quando o período de reconstrução pós-guerra começasse.

A confiança do líder norte-americano em sua capacidade de obter a maior parte do que ele queria em futuras negociações com seu colega soviético se baseou especialmente no que o presidente e seus principais assessores viam como os dois trunfos de Washington: seu poder econômico e sua posse exclusiva da bomba atômica. A confiança de Truman foi reforçada significativamente quando ele

---

<sup>36</sup> *Soviet-Japanese Neutrality Pact April 13, 1941*. Acessado em [31/10/2018]. Disponível em <<http://avalon.law.yale.edu/wwii/s1.asp>>.

<sup>37</sup> The Potsdam Conference, 1945. *Ibid.*

recebeu a notícia, no meio das negociações de Potsdam, do teste bem-sucedido da bomba atômica que havia sido realizado no Novo México. O "royal straight flush" dos Estados Unidos, como o Secretário de Guerra Henry Stimson apelidou com carinho, certamente melhoraria as perspectivas de decisões diplomáticas consistentes com os interesses americanos - ou assim Truman e seu círculo interno acreditavam. A explosão da bomba atômica sobre Hiroshima, em 6 de agosto, e Nagasaki, em 9 de agosto, que instantaneamente mataram 115 mil pessoas e deixaram dezenas de milhares morrendo por conta dos efeitos da radiação, forçaram a capitulação do Japão. O uso da bomba serviu simultaneamente a vários objetivos militares e diplomáticos americanos: encerrou a guerra, salvou milhares de vidas americanas ao impedir a entrada de tropas soviéticas no teatro do Pacífico (embora não impediu a vitória soviética na Manchúria), e interditou qualquer proposta soviética que lhes desse um papel na ocupação do Japão pós-guerra.<sup>38</sup>

A importância da ilha japonesa se dava não só por questões estratégicas, mas também porque a América acreditava que, se conseguisse desfragmentar a nação do sol nascente e administrar sua economia de tal forma que a mesma florescesse - permanecendo aliada dos interesses americanos - seria natural que os países do pacífico seguissem o mesmo caminho. Ao explicar isso, o autor Robert McMahon, em seu livro diz:

Um Japão estável, economicamente vibrante e pró-americano foi julgado pelos estrategistas dos EUA tão essencial para seus objetivos políticos na Ásia do pós-guerra quanto uma Alemanha estável, economicamente vibrante e pró-americana era para os objetivos políticos americanos na Europa do pós-guerra. (...) Especialistas estadunidenses consideraram o Japão o país mais importante da Ásia devido ao seu potencial como motor da recuperação econômica do Leste Asiático e por seu intrínseco valor estratégico.<sup>39</sup>

O investimento e a atenção que os Estados Unidos dão para o Japão acabam se provando válidos e importantes, visto que o ano de 1949 foi um teste dessa lealdade à América. Com o Partido Comunista vencendo a Guerra Civil Chinesa e adquirindo o poder em seu país, existiu por um momento o risco de que o Japão, por sua proximidade econômica com seu vizinho, seguisse sua mudança ideológica. Como foi dito na época pelo primeiro ministro japonês Shigeru Yoshida “Quer a China seja vermelha ou verde, ela é um mercado

---

<sup>38</sup> MCMAHON, Robert. 2003. *Ibid*, p. 25. (Tradução do autor). Texto original: “The American leader’s confidence in his ability to get most of what he wanted in future negotiations with his Soviet counterpart rested especially on what the president and his leading advisers saw as Washington’s two trump cards: its economic power and its exclusive possession of the atomic bomb. Truman’s self-assurance was bolstered significantly when he received word, in the middle of the Potsdam talks, of the successful atomic bomb test that had been carried out in New Mexico. America’s ‘royal straight flush’, as Secretary of War Henry Stimson fondly tagged it, would surely improve the prospects for diplomatic settlements consistent with American interests – or so Truman and his inner circle believed. The atomic bomb blasts over Hiroshima on 6 August and Nagasaki on 9 August, which instantly killed 115,000 and left tens of thousands more dying of radiation sickness, compelled Japan’s capitulation. Use of the bomb simultaneously served several American military-diplomatic objectives: it brought the war to a speedy close, saved thousands of American lives by so doing, foreclosed the need for Soviet troops in the Pacific theatre (although not the movement of Soviet troops into Manchuria), and closed the door on any realistic Soviet bid for a role in the postwar occupation of Japan.”

<sup>39</sup> MCMAHON, Robert. 2003. *Ibid*, p. 38. (Tradução do autor). Texto original: “A stable, economically vibrant, pro-American Japan was judged by US strategists to be just as essential to overall US policy objectives in postwar Asia as a stable, economically vibrant, pro-American Germany was to overall US policy objectives in postwar Europe. (...) American experts considered Japan the most important nation in Asia because of its potential as the engine of East Asian economic recovery and because of its intrinsic strategic value.”

natural.”<sup>40</sup>

Através desta análise e dessa interpretação dos estudos históricos, podemos chegar a uma conclusão sobre o uso das armas atômicas no Japão. Elas não serviram para acabar a guerra, visto que a rendição japonesa já ocorreria, mesmo que não tão cedo. Ela não serviu, primariamente, como uma demonstração de poder, visto que algo mais importante para o Ocidente estava em jogo ali. A conclusão que alcançamos neste momento é que o verdadeiro uso da arma foi um puramente político. Ao atacar e derrotar o império fascista antes que a nação soviética pudesse invadir a ilha, com uma tecnologia de posse exclusiva e de alto poder destrutivo, os Estados Unidos conseguiram garantir sua autoridade e sua primazia sobre o futuro daquele país. A reconstrução do Japão seria feita completamente em função dos interesses americanos e ninguém poderia intervir.

O problema que surge quando chegamos a essas conclusões dialoga diretamente com a questão do poder em escala global. Se uma arma de destruição em massa foi utilizada, e de forma bem-sucedida, como uma ferramenta política para redefinir a geopolítica internacional, a própria ordem de poder começa a se relacionar diretamente com instrumentos que trazem riscos de segurança à comunidade internacional.

Tamanho foi o impacto desse elemento no âmbito da segurança global que se tornou inevitável ver suas repercussões nas relações diplomáticas, área da política internacional onde tal tópico sempre foi assunto central. A busca constante por mecanismos pacíficos para solucionar os conflitos interestatais e manter a ordem mundial foi desafiada pelo surgimento da capacidade de destruição massiva do potencial bélico nuclear. A configuração de poder do sistema internacional inevitavelmente foi transformada, bem como a maneira como as relações internacionais iriam se estabelecer.

Segundo a exposição de Rosecrance, a anarquia – para a qual tenderia naturalmente o relacionamento entre as nações – foi evitada nos últimos duzentos anos com base em esforços passíveis de serem catalogados sob um dos três seguintes esquemas: equilíbrio de poder, ameaça nuclear de destruição recíproca (nuclear deterrence), ou concertação entre uma coalizão de países.<sup>41</sup>

Neste campo das ciências humanas se consolidou uma nova concepção, onde a interação e o equilíbrio das relações entre os Estados se daria através da ameaça do uso da força nuclear, conhecido como *Nuclear Deterrence*.<sup>42</sup> Tal forma de diálogo acarretaria em um

---

<sup>40</sup> MCMAHON, Robert. 2003. *Ibid*, p. 39. (Tradução do autor). Texto original: “After all, as Japan’s Prime Minister Shigeru Yoshida put it: ‘Whether China is red or green, China is a natural market.’”

<sup>41</sup> AMORIM, Celso Luís Nunes. Entre o Desequilíbrio Unipolar e a Multipolaridade: o Conselho de Segurança da ONU no Período Pós-Guerra Fria. *Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*, 1998, p.01. [Acessado em 27/10/2018]. Disponível em <[http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/amorimdesequil\\_briounipolar.pdf](http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/amorimdesequil_briounipolar.pdf)>.

<sup>42</sup> NUCLEAR Deterrence. *Politics.co.uk*. 2012. Acessado em [10/11/2018]. Disponível em

certo equilíbrio de poder, mantendo determinada ordem no sistema internacional, visto que os poderes e as forças sempre eventualmente se equilibram. De acordo com Hans Morgenthau, equilíbrio de poder seria a ambição por várias nações de tentar manter ou derrubar o *status quo*.<sup>43</sup> Além de Morgenthau, Raymond Aron também contribuiu para o desenvolvimento da teoria mencionada, enfatizando que os Estados, não reconhecendo juízes ou leis superiores a suas vontades, enxergavam suas sobrevivências e suas seguranças como responsabilidade e função somente de si mesmos e de suas políticas de alianças. Desta forma, se torna lógica a importância da teoria do equilíbrio de poder<sup>44</sup> na esfera da política entre os países.

Foi este equilíbrio de poder, fluído e de constante adaptação, que gerou o cenário internacional no qual os países se relacionavam, primariamente, por ações e reações. Caso algum Estado adquirisse alguma ferramenta que lhe proporcionasse certa vantagem perante seu inimigo, as grandes potências, quase como um coletivo, começariam a investir pesadamente nesta nova área, em busca de conseguir poder equiparável ao do atual líder tecnológico do mundo. Assim como ocorreu com a física nuclear, décadas para frente, ocorreria com a tecnologia espacial.<sup>45</sup>

Neste momento, a teoria do equilíbrio se provou correta, visto que o medo da retaliação nuclear garantiu a “paz”, mas, como a própria teoria prévia, foi uma questão de tempo para que ocorresse em escala global o evento que acabou sendo chamado de corrida armamentista.<sup>46</sup> Tal “corrida” se referia ao investimento desenfreado, principalmente americano e soviético, em novas e melhores tecnologias bélicas, em busca de conseguirem alguma ferramenta que lhe garantissem a hegemonia através do globo.<sup>47</sup> Como consequência, o armamento nuclear que veio a ser criado durante esse período é um que jamais poderia sequer ser usado, visto seu potencial de completa destruição da civilização humana na terra.<sup>48</sup>

---

<<http://www.politics.co.uk/reference/nuclear-deterrence>>.

<sup>43</sup> CORRÊA, Fernanda das Graças. A balança de poder sob a ótica de Kenneth Waltz: Uma discussão da teoria sistêmica. *Revista InterAção*, v. 11, n. 11, jul./dez 2016, p.39 e 40.

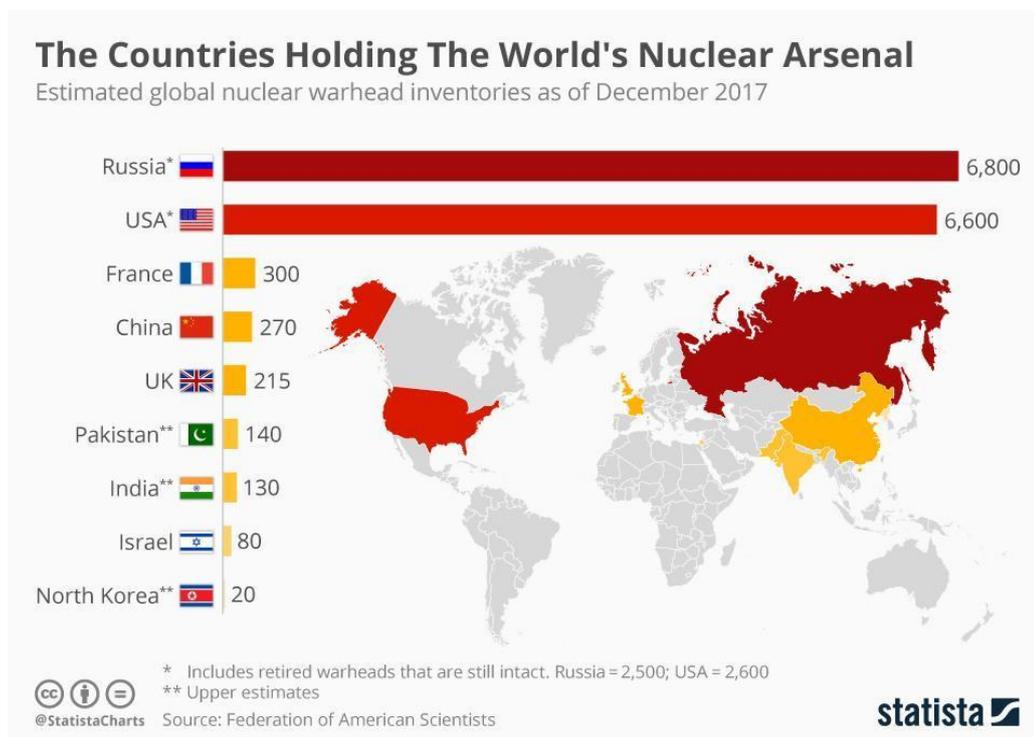
<sup>44</sup> CORRÊA, Fernanda das Graças. *Ibid.* 2016, p.41.

<sup>45</sup> EDITORS, History.com. The Space Race. *HISTORY*. A&E Television Networks. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.history.com/topics/cold-war/space-race>>.

<sup>46</sup> MCMAHON, Robert. 2003. *Ibid.*

<sup>47</sup> MCMAHON, Robert. 2003. *Ibid*, pp. 74-75.

<sup>48</sup> CONSEQUENCES of a large nuclear war. *Nucleardarkness.org*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em: <<http://www.nucleardarkness.org/warconsequences/hundredfiftytonessmoke/#summaryofconsequences150>>.



**Gráfico 1: Número de armas nucleares - dezembro de 2017. Resultado da corrida armamentista, em número de armas nucleares pelo mundo.**

Sendo este o cenário no qual as potências mundiais se encontravam após a Segunda Guerra Mundial, os gastos militares continuaram aumentando de forma exponencial com o passar dos anos, e tal eram as circunstâncias que se tornou impossível não perceber o delicado equilíbrio em que a nova ordem de poder mundial se encontrava.

Por mais que a teoria do equilíbrio de poder implique em uma eventual estabilização das forças antagônicas, o fato de que o investimento em tecnologia e armamento bélico não cessaria após a reestabilização do sistema é deixado em segundo plano. No caso da Guerra Fria foi exatamente isto que ocorreu. Tamanho era o poder e a intensidade ideológica de ambos os lados que o progresso militar, tecnológico e bélico eram uma prioridade sem igual, que justificava qualquer ação. Espionagem, Contraespionagem, Serviço de Inteligência, sabotagem, traições ao Estado e muitas outras operações faziam parte desse gigantesco jogo de xadrez que tinha se tornado o futuro da humanidade.<sup>49</sup> Desta forma, a teoria do equilíbrio

<sup>49</sup> MCMAHON, Robert. 2003. *Ibid.*

inevitavelmente traria problemas incontornáveis como o Dilema de Segurança.<sup>50</sup>

Com seu artigo '*Idealist Internationalism And The Security Dilemma*', publicado em janeiro de 1950, John H. Herz immortalizou o que viria a ser a Guerra Fria com a seguinte análise

Onde quer que essa sociedade anárquica tenha existido (..) - surgiu também o que pode ser chamado de "dilema de segurança" entre homens ou grupos, ou seus líderes. Grupos ou indivíduos que vivem em tal constelação devem estar, e geralmente estão, preocupados com sua segurança, visto que podem ser atacados, subjugados, dominados ou aniquilados por outros grupos e indivíduos. Esforçando-se para obter segurança de tal ataque, eles são levados a adquirir mais e mais poder para escapar do impacto do poder dos outros. Isso, por sua vez, torna os outros mais inseguros e os compele a se preparar para o pior. Como ninguém pode se sentir totalmente seguro em tal mundo de unidades concorrentes, a competição pelo poder se instala e o círculo vicioso de segurança e acumulação de poder continua.<sup>51</sup>

O que veríamos nos anos seguintes seria um mundo bipolar, onde suas maiores potências, E.U.A. e U.R.S.S., jamais se enfrentariam diretamente, por consequência do próprio poder de destruição que possuíam. Tal falta de enfrentamento direto, que acabou sendo conhecido como "Paz Nuclear", não conseguiu, entretanto, como a teoria do equilíbrio de poder ditava, garantir a paz em escala global.

Na busca por maiores zonas de influência, guerras indiretas, conhecidas como *proxy wars*,<sup>52</sup> começaram a surgir através do globo inteiro. Americanos e soviéticos começaram a investir e interferir em outros Estados, criando ditaduras militares, derrubando governos, financiando insurgências e revoluções, como a Guerra do Vietnã nos mostraria nos anos seguintes.<sup>53</sup> A final de contas, por mais que a Guerra Coreana tenha sido o primeiro embate militar entre socialismo e capitalismo, certamente não foi o último.

## 5 MEDIDAS DO PROCESSO DE DESNUCLEARIZAÇÃO

### 5.1 O PAPEL DAS NAÇÕES UNIDAS E DOS ÓRGÃOS INTERNACIONAIS

Este trabalho, até o atual momento, teve como intuito observar e analisar certos

---

<sup>50</sup> HERZ, John H. *Idealist Internationalism and the Security Dilemma*. *World Politics*, Vol. 2, No. 2 (jan., 1950), pp. 157-180. Acessado em [12/11/18]. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2009187>>.

<sup>51</sup> HERZ, John H. 1950. *Ibid.* pp. 1. Texto original e na íntegra: "Wherever such anarchic society has existed--and it has existed in most periods of known history on some level--there has arisen what may be called the "security dilemma" of men, or groups, or their leaders. Groups or individuals living in such a constellation must be, and usually are, concerned about their security from being attacked, subjected, dominated, or annihilated by other groups and individuals. Striving to attain security from such attack, they are driven to acquire more and more power in order to escape the impact of the power of others. This, in turn, renders the others more insecure and compels them to prepare for the worst. Since none can ever feel entirely secure in such a world of competing units, power competition ensues, and the vicious circle of security and power accumulation is on." (Tradução do autor).

<sup>52</sup> TEAM, The Vietnam War. What is a proxy war? *The Vietnam War*. 8 de maio de 2014. Acessado em [07/11/2018]. Disponível em < <https://thevietnamwar.info/proxy-war/>>.

<sup>53</sup> MCMAHON, Robert. 2003. *Ibid.*

acontecimentos relevantes do séc. XX, para que possamos, mais a frente, compreender e refletir sobre o presente e suas possíveis implicações para o futuro. Entretanto, para que tal análise seja corretamente estruturada, devemos antes debater sobre certos personagens e elementos significativos nas discussões sobre o tema. Por conta disso, neste capítulo, daremos espaço para nos aprofundarmos na história, no funcionamento e em certos momentos de grande importância das intuições internacionais que tanto mencionamos até agora. Em especial, trabalharemos com a Organização das Nações Unidas e todas outras entidades pertinentes ao tema nuclear, dando enfoque para seus papéis no processo de desnuclearização e como se deu a evolução das mesmas nestes tópicos através do tempo.

Se observarmos a própria linha temporal da evolução da tecnologia nuclear com fins bélicos, veremos que o nascimento da bomba atômica e das Nações Unidas foram intimamente interligados. Como dito no próprio site da Organização: “A ONU e a era nuclear nasceram quase simultaneamente. O horror da Segunda Guerra Mundial, que culminou nas explosões nucleares em Hiroshima e Nagasaki, trouxe à tona a necessidade de abordar a questão nuclear.”<sup>54</sup>

Quando pensamos nas Nações Unidas e lembramos que entre seus objetivos está a manutenção da paz - sendo, provavelmente, o mais conhecido - se torna elementar para nossa compreensão da organização e de seu funcionamento uma pequena análise do período no qual a mesma veio a surgir e porque o elemento nuclear se tornou algo tão importante.

Começando pelo início do séc. XX, a Primeira Guerra Mundial acabou mostrando ao mundo o impacto que as novas tecnologias e os mais recentes armamentos bélicos poderiam produzir em um combate. Tamanho era o nível de sofisticação e poder dessas novas ferramentas de guerra que as justificativas e os ganhos provenientes dos próprios conflitos armados, principalmente um de proporções continentais como nunca se havia visto antes, já não eram mais capazes de compensar as consequências e as perdas humanas provenientes das batalhas.<sup>55</sup>

Quando analisamos o conflito do ano de 1938, tais medos só foram mais uma vez confirmados, visto as perdas maciças que todos os países envolvidos vivenciaram, tanto

---

<sup>54</sup> ATOMIC Energy. *United Nations*. Acessado em [05/11/2018]. Disponível em <<http://www.un.org/en/sections/issues-depth/atomic-energy/>>. Texto original: “The UN and the nuclear age were born almost simultaneously. The horror of the Second World War, culminating in the nuclear blasts at Hiroshima and Nagasaki, brought home the need to address the nuclear issue”. (Tradução do autor).

<sup>55</sup> WORLD War I casualties. *Centre européen Robert Schuman*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<http://www.centre-robert-schuman.org/userfiles/files/REPERES%20E2%80%93%20module%201-1%20-%20explanatory%20notes%20E2%80%93%20World%20War%20I%20casualties%20E2%80%93%20EN.pdf>>

quando falamos em número de mortos, quando pensamos na destruição de infraestrutura e recursos. Tais prejuízos para a sociedade foram muito visivelmente maiores do que qualquer outra questão.<sup>5657</sup>

Entretanto, nessa mesma época, um novo elemento entra em cena. Com a nova bomba americana, criada a partir de um nicho tecnológico e científico recém descoberto, pela primeira vez na história da humanidade, a raça humana é colocada perante a maior consequência possível em um cenário de conflito: o possível fim da espécie ou, pelo menos, a completa destruição das diversas formas de organização social como as conhecemos.<sup>58</sup>

Dito isso, podemos finalmente entender a necessidade que levou à criação da organização e porque seu enfoque tão poderoso no elemento nuclear. Com dois conflitos internacionais, que levaram ao desmantelamento da então ordem de poder internacional, e com um nível de interação interestatal jamais visto antes, tornou-se necessário a existência de uma organização internacional não governamental que pudesse supervisionar e guiar este mundo cada vez mais globalizado e que ainda se curava de ambas guerras.

Como resultado, veremos uma total reestruturação das relações políticas interestatais com a criação das Nações Unidas e de outras inúmeras instituições, cada uma responsável pela manutenção das boas relações entre os Estados por sua perspectiva específica.

Tamanho foi o impacto dessa mudança de paradigma que surge também os direitos humanos e veremos aflorar na política internacional o propósito de fomentar a prosperidade e o progresso da sociedade humana como um todo, muito bem expresso em diversos princípios e objetivos delimitados.<sup>59</sup>

---

<sup>56</sup> WORLD War II Fast Facts. *CNN*. Sep. 2018 Acessado em [07/11/18]. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2013/07/09/world/world-war-ii-fast-facts/index.html>>.

<sup>57</sup> ECONOMIC Costs. *ResearchWorldWar2*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em: <<https://researchworldwar2.weebly.com/economic-costs.html>>.

<sup>58</sup> CONSEQUENCES of a large nuclear war. *NuclearDarkness.org*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em: <<http://www.nucleardarkness.org/warconsequences/hundredfiftytonessmoke/#summaryofconsequences150>>.

<sup>59</sup> Organização das Nações Unidas (ONU). *Carta das Nações Unidas*. 26 de junho de 1945.



Esta pesquisa, entretanto, se aterá aos órgãos, às instituições e às organizações internacionais que se relacionam com a fiscalização, manutenção, fomentação e controle do uso da tecnologia nuclear, buscando garantir, assim, que eventos como os de Hiroshima e Nagasaki não venham a ocorrer novamente.

Como ponto inicial, deve-se apontar a própria Carta das Nações Unidas,<sup>60</sup> que em seu preâmbulo diz:

“...praticar a tolerância e viver em paz, uns com os outros, como bons vizinhos, e unir as nossas forças para manter a paz e a segurança internacionais, e a garantir, pela aceitação de princípios e a instituição dos métodos, que a força armada não será usada a não ser no interesse comum, a empregar um mecanismo internacional para promover o progresso econômico e social de todos os povos.”<sup>61</sup>

Logo após, no primeiro capítulo, intitulado “Propósitos e Princípios”, teremos os artigos I e II, a seguir:

#### Artigo 1

Os propósitos das Nações unidas são:

1. Manter a paz e a segurança internacionais e, para esse fim: tomar, coletivamente, medidas efetivas para evitar ameaças à paz e reprimir os atos de agressão ou outra qualquer ruptura da paz e chegar, por meios pacíficos e de conformidade com os princípios da justiça e do direito internacional, a um ajuste ou solução das controvérsias ou situações que possam levar a uma perturbação da paz;
2. Desenvolver relações amistosas entre as nações, baseadas no respeito ao princípio de igualdade de direitos e de autodeterminação dos povos, e tomar outras medidas apropriadas ao fortalecimento da paz universal;
3. Conseguir uma cooperação internacional para resolver os problemas internacionais de caráter econômico, social, cultural ou humanitário, e para promover e estimular o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais para todos, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião; e
4. Ser um centro destinado a harmonizar a ação das nações para a consecução desses objetivos comuns.

#### Artigo 2

A Organização e seus membros, para a realização dos propósitos mencionados no artigo 1, agirão de acordo com os seguintes Princípios:

1. A Organização é baseada no princípio da igualdade soberana de todos os seus membros.
2. Todos os membros, a fim de assegurarem para todos em geral os direitos e vantagens resultantes de sua qualidade de membros, deverão cumprir de boa fé as obrigações por eles assumidas de acordo com a presente Carta.
3. Todos os membros deverão resolver suas controvérsias internacionais por meios pacíficos, de modo que não sejam ameaçadas a paz, a segurança e a justiça internacionais.
4. Todos os membros deverão evitar em suas relações internacionais a ameaça ou o uso da força contra a integridade territorial ou a dependência política de qualquer Estado, ou qualquer outra ação incompatível com os Propósitos das Nações Unidas.
5. Todos os membros darão às Nações toda assistência em qualquer ação a que elas recorrerem de acordo com a presente Carta e se absterão de dar auxílio a qual Estado contra o qual as Nações Unidas agirem de modo preventivo ou coercitivo.
6. A Organização fará com que os Estados que não são membros das Nações Unidas ajam de acordo com esses Princípios em tudo quanto for necessário à manutenção da

---

<sup>60</sup> Organização das Nações Unidas (ONU). *Ibid.* 26 de junho de 1945.

<sup>61</sup> Organização das Nações Unidas (ONU). *Carta das Nações Unidas, Preâmbulo.* 26 de junho de 1945.

paz e da segurança internacionais.

7. Nenhum dispositivo da presente Carta autorizará as Nações Unidas a intervirem em assuntos que dependam essencialmente da jurisdição de qualquer Estado ou obrigará os membros a submeterem tais assuntos a uma solução, nos termos da presente Carta; este princípio, porém, não prejudicará a aplicação das medidas coercitivas constantes do Capítulo VII.<sup>62</sup>

Uma vez já estabelecido que estes são os propósitos e os princípios pelos quais a Organização das Nações Unidas se norteariam, diversos órgãos, instituições e recursos foram criados com o intuito de lidar com a questão atômica diretamente, colocando em prática essas intenções.

Como parte da primeira resolução da ONU, em janeiro de 1946, foi-se estabelecido a Comissão de Energia Atômica das Nações Unidas, que teria como função a supervisão dos processos científicos e tecnológicos relacionados à energia atômica, com o propósito de incentivar o avanço da tecnologia para fins pacíficos e não beligerantes. Tais ações seriam relatadas diretamente para o Conselho de Segurança e deveriam ser acompanhadas de relatórios, sugestões e denúncias, caso ocorresse algo fora do acordado.<sup>63</sup>

Em um segundo momento, no ano de 1955, o Comitê Científico das Nações Unidas sobre os Efeitos da Radiação Atômica (UNSCEAR) foi criado pela Assembleia Geral da ONU, com o propósito de “...avaliar e relatar os níveis e efeitos da exposição à radiação ionizante. Governos e organizações em todo o mundo confiam nas estimativas do Comitê como a base científica para avaliar o risco de radiação e para estabelecer medidas de proteção.”<sup>64</sup>

Eventualmente, em 1957, foi-se estabelecido uma outra instituição de caráter global, conhecida como Agência Internacional de Energia Atômica (IAEA). Tal agência teve como inspiração para sua criação o discurso, e eventual programa americano, conhecido como *Átomos para Paz*, realizado pelo então presidente americano Dwight D. Eisenhower, no ano de 1953.<sup>65</sup> Essa agência internacional acabaria por definir em seu estatuto seus objetivos principais como:

---

<sup>62</sup> Organização das Nações Unidas (ONU). *Carta das Nações Unidas, Cap. I, Propósitos e Princípios*. 26 de junho de 1945.

<sup>63</sup> PRIMEIRA Resolução das Nações Unidas. *Organização das Nações Unidas*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <https://documents-dds-ny.un.org/doc/RESOLUTION/GEN/NR0/032/52/IMG/NR003252.pdf?OpenElement>.

<sup>64</sup> HISTÓRIA e Mandato. *Comitê Científico das Nações Unidas sobre os Efeitos da Radiação Atômica*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em [http://www.unscear.org/unscear/en/about\\_us.html](http://www.unscear.org/unscear/en/about_us.html). (Tradução do autor). Texto original: “...is to assess and report levels and effects of exposure to ionizing radiation. Governments and organizations throughout the world rely on the Committee's estimates as the scientific basis for evaluating radiation risk and for establishing protective measures.”

<sup>65</sup> Discurso do presidente americano Dwight D. Eisenhower na íntegra: <https://www.iaea.org/about/history/atoms-for-peace-speech>.

## ARTIGO II: Objetivos

A Agência procurará acelerar e ampliar a contribuição da energia atômica para a paz, a saúde e a prosperidade em todo o mundo. Deve assegurar, na medida do possível, que a assistência prestada por si ou a seu pedido ou sob a sua supervisão ou controle não seja utilizada de forma a prosseguir qualquer objetivo militar.<sup>66</sup>

Talvez, de forma até mais relevante e marcante, teremos a descrição de suas atividades e ações como as seguintes, de acordo pela própria instituição:

A Agência compromete-se a conduzir suas atividades de acordo com os Propósitos e Princípios da Carta das Nações Unidas para promover a paz e a cooperação internacional e, em conformidade com as políticas das Nações Unidas, promovendo o desarmamento mundial garantido e em conformidade com quaisquer acordos internacionais celebrados em conformidade com tais políticas.<sup>67</sup>

Em 1959 a Assembleia Geral das Nações Unidas, continuando com suas intenções de supervisionar e limitar o uso da tecnologia relacionada à energia atômica, cria o Comitê das Nações Unidas para o Uso Pacífico do Espaço Exterior.<sup>68</sup> Esse comitê, diferentemente dos outros, abrange um outro elemento da época, que neste caso seria o começo da era espacial, muito marcada pela corrida espacial entre Estados Unidos e União Soviética que viria nos anos seguintes. Desta forma, as atividades do comitê envolviam mais o controle e a supervisão da exploração espacial, garantindo que todo investimento na área seria em benefício de toda humanidade, como manutenção da paz, segurança e desenvolvimento da sociedade como um todo.

## 5.2 OS TRATADOS, AS CONVENÇÕES INTERNACIONAIS E AS POLÍTICAS POR TRÁS DELES

Já que analisamos a evolução das instituições internacionais referentes às questões de segurança e controle da energia nuclear, passamos agora para uma análise das medidas que foram adotadas pela comunidade internacional.

Se observarmos quais medidas institucionais foram tomadas, veremos que um certo número de tratados e convenções já foram celebrados na busca pela manutenção da segurança nuclear. De naturezas bilaterais e multilaterais, teremos aqueles que tratam sobre questões de segurança relacionadas ao próprio manejo de material nuclear, outras que dialogam diretamente com o tema das armas nucleares e, por fim, aqueles que tratam do controle de

---

<sup>66</sup> ESTATUTO da Agência Internacional de Energia Atômica. *Agência Internacional de Energia Atômica*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.iaea.org/about/statute>>.

<sup>67</sup> ESTATUTO da Agência Internacional de Energia Atômica. *Agência Internacional de Energia Atômica*. Acessado [07/11/18]. Disponível em <<https://www.iaea.org/about/statute>>. Texto original: “Conduct its activities in accordance with the purposes and principles of the United Nations to promote peace and international co-operation, and in conformity with policies of the United Nations furthering the establishment of safeguarded worldwide disarmament and in conformity with any international agreements entered into pursuant to such policies.” (Tradução do autor).

<sup>68</sup> COMITÊ das Nações Unidas para o Uso Pacífico do Espaço Exterior. *United Nations Office for Outer Space Affairs*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<http://www.unoosa.org/oosa/en/ourwork/copus/index.html>>.

armas no espaço.<sup>69</sup>

Como este trabalho se refere à questão de armas nucleares, trataremos só dos tratados e convenções que lidam com a questão do uso da tecnologia para fins bélicos e, em um segundo momento, faremos uma análise política dos mesmos, na busca de compreender seus propósitos e seus impactos melhor.

Utilizando uma ordem cronológica, para que o elemento político do período sirva de paralelo para que os tratados e as convenções sejam mais facilmente compreendidos, iniciaremos este momento apresentando todos tratados e, em uma segunda instância, daremos o enfoque necessário aos mais relevantes para o tema deste estudo.

- Tratado de Banimento de Testes de Armas Nucleares na Atmosfera, no Espaço Exterior e Sob as Águas (PTBT)- 10 de outubro de 1963;<sup>70</sup>
- Tratado sobre a Não Proliferação de Armas Nucleares - 5 de março de 1970;<sup>71</sup>
- Tratado sobre a Proibição da Colocação de Armas Nucleares e Outras Armas de Destruição em Massa no Leito do Mar e no Fundo do Oceano e em seu Subsolo - 18 de maio de 1972;<sup>72</sup>
- Tratado sobre Mísseis Antibalísticos (ABM Treaty) - 3 de outubro de 1972;<sup>73</sup>
- Conversações sobre Limites para Armas Estratégicas (SALT I) - 3 de outubro de 1972;<sup>74</sup>
- Tratado entre os E.U.A. e a U.R.S.S. sobre Explosões Nucleares no Subsolo para Fins Pacíficos (PNE Treaty) - 11 de dezembro de 1990;<sup>75</sup>
- Conversações sobre Limites para Armas Estratégicas (SALT II) - Nunca entrou em vigor; substituída pelo Tratado START I em 1991;<sup>76</sup>
- Tratado entre os E.U.A. e a U.R.S.S. sobre a Eliminação de Mísseis de Médio-Alcance e de Curto-Alcance (INF Treaty) - 1 de junho de 1988;<sup>77</sup>

---

<sup>69</sup> TREATIES and Regimes, Nuclear Weapons. *Nuclear Threat Initiative*. Acessado em [07/11/2018], Disponível em <<https://www.nti.org/learn/treaties-and-regimes/treaties/>>.

<sup>70</sup> Texto original: *Treaty Banning Nuclear Tests in the Atmosphere, in Outer Space and Under Water (Partial Test Ban Treaty) (PTBT)* (Tradução do autor).

<sup>71</sup> Texto original: *Treaty on the Non-Proliferation of Nuclear Weapons (NPT)* (Tradução do autor).

<sup>72</sup> Texto original: *Treaty on the Prohibition of the Emplacement of Nuclear Weapons and Other Weapons of Mass Destruction on the Seabed and Ocean Floor and in the Subsoil Thereof (Seabed Treaty)* (Tradução do autor).

<sup>73</sup> Texto original: *Treaty on the Limitation of Anti-Ballistic Missile Systems (ABM Treaty)* (Tradução do autor).

<sup>74</sup> Texto original: *Strategic Arms Limitation Talks (SALT I)* (Tradução do autor).

<sup>75</sup> Texto original: *Treaty between the United States of America and the Union of Soviet Socialist Republics on Underground Nuclear Explosions for Peaceful Purposes (PNE Treaty)* (Tradução do autor).

<sup>76</sup> Texto original: *Strategic Arms Limitation Talks (SALT II)* (Tradução do autor).

<sup>77</sup> Texto original: *Treaty between the United States of America and the Union of Soviet Socialist Republics on*

- Acordo Indo-Paquistanês de Não-Violência - 1 de janeiro de 1991;<sup>78</sup>
- Tratado entre E.U.A. e a U.R.S.S. sobre a Redução de Estratégias Ofensivas (Start I) - 5 de dezembro de 1994;<sup>79</sup>
- Declaração Conjunta das Coreias do Sul e do Norte sobre a Desnuclearização da Península Coreana - 19 de fevereiro de 1992;<sup>80</sup>
- Tratado entre E.U.A. e a U.R.S.S. sobre a Redução de Estratégias Ofensivas (Start II) - Assinado: 3 de janeiro de 1993 - A Rússia declara nula e vazia: 14 de junho de 2002;<sup>81</sup>
- Acordo entre E.U.A e Coreia do Norte - 21 de outubro de 1994;<sup>82</sup>
- Tratado de Proibição Total de Testes Nucleares (CTBT) - 24 de setembro de 1996;<sup>83</sup>
- Declaração de Lahore - 21 de fevereiro de 1999;<sup>84</sup>
- Tratado da Redução de Estratégias Ofensivas (SORT) - 1 de junho de 2003;<sup>85</sup>
- Convenção Internacional sobre a Supressão de Atos de Terrorismo Nuclear - 7 de julho de 2007;<sup>86</sup>
- Tratado entre E.U.A. e a U.R.S.S. sobre Medidas para a Contínua Redução e Limitação de Armamento Estratégico-Ofensivo (New Start) - 5 de fevereiro de 2011; e<sup>87</sup>
- Tratado sobre a Proibição de Armas Nucleares - Entra em vigor 90 dias depois da ratificação de pelo menos 50 países → atualmente possui 69 signatários, mas ainda não entrou em vigor.<sup>88</sup>

Outros tratados digno de nota que serão apontados aqui se referem às Zonas Livres de Armas Nucleares. Essencialmente eles são:

- Tratado africano para a Formação de uma Zona Livre de Armas Nucleares (AZLAN)

---

*the Elimination of Their Intermediate-range and Shorter-range Missiles (INF Treaty)* (Tradução do autor).

<sup>78</sup> Texto original: *India-Pakistan Non-Attack Agreement* (Tradução do autor).

<sup>79</sup> Texto original: *Treaty between the United States of America and the Union of Soviet Socialist Republics on Strategic Offensive Reductions (START I)* (Tradução do autor).

<sup>80</sup> Texto original: *Joint Declaration of South and North Korea on the Denuclearization of the Korean Peninsula* (Tradução do autor).

<sup>81</sup> Texto original: *Treaty between the United States of America and the Union of Soviet Socialist Republics on Strategic Offensive Reductions (START II)* (Tradução do autor).

<sup>82</sup> Texto original: *US-DPRK Agreed Framework* (Tradução do autor).

<sup>83</sup> Texto original: *Comprehensive Nuclear-Test-Ban Treaty (CTBT)* (Tradução do autor).

<sup>84</sup> Texto original: *Lahore Declaration* (Tradução do autor).

<sup>85</sup> Texto original: *Strategic Offensive Reductions Treaty (SORT)* (Tradução do autor).

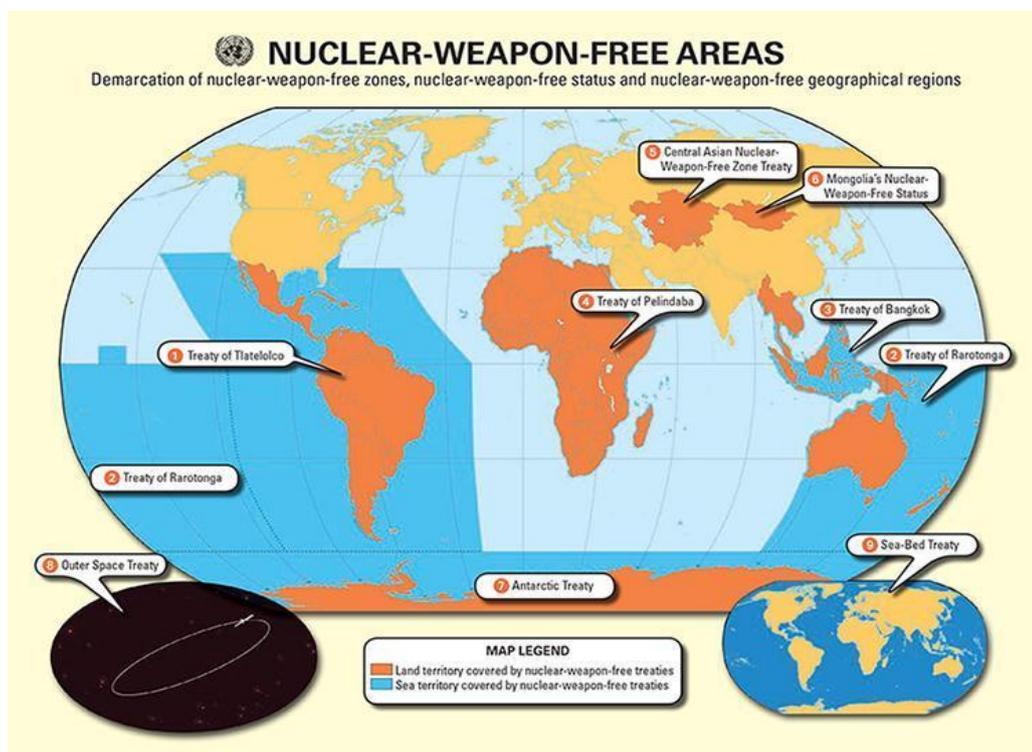
<sup>86</sup> Texto original: *International Convention on the Suppression of Acts of Nuclear Terrorism* (Tradução do autor).

<sup>87</sup> Texto original: *Treaty between The United States of America and the Russian Federation on Measures for the Further Reduction and Limitation of Strategic Offensive Arms (New START)* (Tradução do autor).

<sup>88</sup> Texto original: *Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons* (Tradução do autor).

(Tratado de Pelindaba);<sup>89</sup>

- Tratado da Antártida;<sup>90</sup>
- Tratado da Ásia Central para a Formação de uma Zona Livre de Armas Nucleares (ACZLAN);<sup>91</sup>
- Status da Mongólia como uma Zona Desnuclearizada;<sup>92</sup>
- Tratado do Sudeste Asiático para a Formação de uma Zona Livre de Armas Nucleares (SAZLAN) (Bangkok Treaty);<sup>93</sup>
- Tratado do Pacífico Sul para a Formação de uma Zona Livre de Armas Nucleares (PSZLAN) Tratado de Rarotonga,<sup>94</sup> e
- Tratado para a Proscrição de Armas Nucleares na América Latina (ALZLAN) (Tratado de Tlatelolco).<sup>95</sup>



<sup>89</sup> Texto original: *African Nuclear-Weapon-Free-Zone (ANWFZ) Treaty (Pelindaba Treaty)* (Tradução do autor).

<sup>90</sup> Texto original: *Antarctic Treaty* (Tradução do autor).

<sup>91</sup> Texto original: *Central Asia Nuclear-Weapon-Free-Zone (CANWFZ)* (Tradução do autor).

<sup>92</sup> Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas. *Resolução 55/33S*, 2000. Texto original: *Nuclear-Weapon-Free Status of Mongolia* (Tradução do autor).

<sup>93</sup> Texto original: *Southeast Asian Nuclear-Weapon-Free-Zone (SEANWFZ) Treaty (Bangkok Treaty)* (Tradução do autor).

<sup>94</sup> Texto original: *South Pacific Nuclear-Free Zone (SPNFZ) Treaty of Rarotonga* (Tradução do autor).

<sup>95</sup> Texto original: *Treaty for the Prohibition of Nuclear Weapons in Latin America and the Caribbean (LANWFZ) (Tlatelolco Treaty)* (Tradução do autor).

Porém, como afirmado anteriormente, trabalharemos somente com alguns destes tratados, sendo estes os que têm mais relevância para nosso objeto de estudo em questão: o elemento da nuclearização de países não reconhecidos como nucleares pela comunidade internacional, sendo este o caso da Coreia do Norte.

Seguindo o mesmo aspecto cronológico anterior, começaremos pelo Tratado sobre a Não Proliferação de Armas Nucleares, de 5 de março de 1970. Sendo provavelmente um dos tratados nucleares mais conhecidos que existem, este tratado foi marcante e definiu a era nuclear por uma série de motivos. Essencialmente, dentre os vários temas e as várias questões que ele aborda, uma de suas características principais se dá ao conceituar o que são países nuclearmente armados e proibir, de forma total e completa, que outros países, além destes reconhecidos pelo tratado, possam fabricar armas nucleares. Como dito no próprio Tratado

O Tratado de Não-Proliferação das Armas Nucleares foi aberto à assinatura em 19 de julho de 1968 e entrou em vigor em 5 de março de 1970. Ao assinar o tratado, os países que ainda não possuem armas nucleares abrem mão de qualquer direito ou intenção de fabricá-las. As potências nucleares, por seu lado, comprometem-se a não ajudar as nações do primeiro grupo a fabricarem armas atômicas.<sup>96</sup>

Atualmente, 189 Estados ratificaram o tratado,<sup>97</sup> sendo que entre estes encontram-se as principais potências nucleares mundiais; Estados Unidos, Rússia, China, Reino Unido e França, que concentram cerca de 90% das armas nucleares.<sup>98</sup> O tratado abrange Estados nuclearmente, nuclearmente armados e os não-nuclearmente armados. De acordo com o artigo IX do documento, um Estado nuclearmente armado é aquele que tiver fabricado ou explodido uma arma nuclear ou outro artefato explosivo nuclear antes de 1º de janeiro de 1967. Ambas categorias ficam obrigadas a se comprometer em não fornecer, produzir ou adquirir armamentos atômicos.

O segundo tratado que abordaremos, teremos o Tratado de Proibição Total de Testes Nucleares (CTBT). A Conferência sobre o Desarmamento, que é o único fórum de negociação multilateral da comunidade internacional para acordos sobre o desarmamento,<sup>99</sup> deu início a negociações substanciais com relação a este tema em janeiro de 1994. Até aquele momento,

---

<sup>96</sup> JUNIOR, Jupy Montenegro Magalhães; MARQUES, Fernando Mário Rodrigues. A proliferação nuclear. *Revista de Administração Pública*, 12 (4). Rio de Janeiro, out/dez de 1978, p.180.

<sup>97</sup> Apenas Israel, Paquistão, Índia e Coreia do Norte não fazem parte do acordo. Os norte-coreanos inicialmente aderiram ao TNP, mas em janeiro de 2003 se retiraram do tratado. O Brasil entrou é signatário desde setembro de 1998. (COSCELLI, João; GODOY, Roberto, 2010)

<sup>98</sup> 50 anos do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares. *Fundação FHC*, 20 mar. 2018. [Acessado em 16/08/2018]. Disponível em <<https://medium.com/funda%C3%A7%C3%A3o-fhc/50-anos-do-tratado-de-n%C3%A3o-prolifera%C3%A7%C3%A3o-de-armas-nucleares-14a49fba3b9f>>.

<sup>99</sup> <https://nacoesunidas.org/acao/desarmamento/>

muitos foram os obstáculos que impediram o consenso necessário para a aprovação do texto do tratado. Como exemplo, por mais que a Conferência tenha debatido durante anos sobre o tema, somente em 1982 conseguiram estabelecer um órgão subsidiário para lidar com o tema especificamente.<sup>100</sup>

Eventualmente, depois de dois anos de negociações, no ano de 1996, foi-se aprovado o texto do atual tratado, que acabou tendo o apoio da maioria dos representantes presentes na reunião. Tal texto acabou por criar a Comissão Preparatória para a Organização do Tratado de Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBTO),<sup>101</sup> que tem como objetivo principal “...alcançar o objetivo e a finalidade do Tratado, garantindo a aplicação das suas disposições, incluindo as que se referem à verificação internacional do cumprimento do Tratado, e proporcionando um fórum de consulta e cooperação entre os Estados-Membros.”<sup>102</sup>

Entretanto, devemos debater de forma mais aprofundada o atual status do documento, visto que certos elementos e características do mesmo são dignas de nota.<sup>103</sup> Até o dia 25 de setembro de 2018, 184 países assinaram o tratado, sendo que destes 167 deles o ratificaram. Contudo, certas nações com elevada importância na temática ainda não assinaram nem ratificaram, e, de forma interessante, muito desse posicionamento tem como base uma argumentação jurídica peculiar, além dos óbvios interesses políticos. Estes países que necessitam ratificar o tratado e ainda não o fizeram são: China, República Popular Democrática da Coreia, Egito, Índia, República Islâmica do Irã, Israel, Paquistão e Estados Unidos da América.

Uma característica evidente que todos esses países possuem é, obviamente, a posse de armas nucleares e a capacidade tecnológica de construção das mesmas. Consequentemente, de forma compreensível, podemos entender seus posicionamentos perante o tratado pelo ponto de vista político e de seus interesses estratégicos. Entretanto, um outro elemento importante de seus posicionamentos se dá por conta de uma característica incomum deste documento internacional. Como dito durante a reunião

...a Índia, por sua vez, afirmou que não poderia concordar com o projeto do texto e

---

<sup>100</sup> Comprehensive Nuclear-Test-Ban Treaty (CTBT). *United Nations Office for Disarmament Affairs*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.un.org/disarmament/wmd/nuclear/ctbt/>>.

<sup>101</sup> Preparatory Commission for the Comprehensive Nuclear-Test-Ban Treaty Organization. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.ctbto.org/>>.

<sup>102</sup> Comprehensive Nuclear-Test-Ban Treaty (CTBT). *United Nations Office for Disarmament Affairs*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.un.org/disarmament/wmd/nuclear/ctbt/>>. Tradução do autor. Texto original: “...achieve the object and purpose of the Treaty, to ensure the implementation of its provisions, including those for international verification of compliance with the Treaty, and to provide a forum for consultation and cooperation among Member States.”

<sup>103</sup> Preparatory Commission for the Comprehensive Nuclear-Test-Ban Treaty Organization. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.ctbto.org/the-treaty/status-of-signature-and-ratification/>>.

sua transmissão à Assembleia Geral das Nações Unidas. As principais razões para tal decisão, como a Índia apontou, estavam relacionadas às suas fortes dúvidas sobre a provisão para a entrada em vigor do tratado, que a nação indiana considerava sem precedentes na prática multilateral e que contraria o direito internacional consuetudinário, e o fracasso do tratado em incluir um compromisso dos Estados detentores de armas nucleares de eliminar as armas nucleares dentro de um prazo determinado.<sup>104</sup>

Como consequência da oposição desses países anteriormente mencionados em ratificar o tratado, hoje, o documento se encontra numa situação peculiar, na qual, por mais que a grande maioria da comunidade internacional o tenha aceito, os países mais importantes para sua efetivação ainda não o fizeram. Não somente isso, como também, por estes países terem sido parte integrante da Conferência que deu origem ao mesmo,<sup>105</sup> suas ratificações são obrigatórias para a implementação de sua entrada em vigor, como reconhecido pela própria Comissão responsável.<sup>106</sup>

Tendo já abordado dois grandes tratados de caráter multilateral que pleiteiam sobre a posição das armas nucleares no cenário internacional, por último, falaremos do tratado que leva essa discussão à sua máxima instância, o Tratado sobre a Proibição de Armas Nucleares.

Sendo o mais recente de todos os tratados sobre o tema, este documento específico tem como objetivo principal, como dito pelo Escritório das Nações Unidas para Assuntos de Desarmamento

O Tratado sobre a Proibição de Armas Nucleares (TPNW) inclui um conjunto abrangente de proibições de participação em qualquer atividade de armas nucleares. Estes incluem compromissos de não desenvolver, testar, produzir, adquirir, possuir, armazenar, usar ou ameaçar o uso de armas nucleares. O Tratado também proíbe o envio de armas nucleares para o território nacional e a prestação de assistência a qualquer Estado na condução de atividades proibidas. Os Estados membros serão obrigados a prevenir e reprimir qualquer atividade proibida sob o TPNW realizada por pessoas ou em território sob sua jurisdição ou controle. O Tratado também obriga os Estados membros a fornecer assistência adequada às pessoas afetadas pelo uso ou teste de armas nucleares, bem como a tomar medidas necessárias e apropriadas de remediação ambiental em áreas sob sua jurisdição ou controle contaminado como resultado de atividades relacionadas com a teste ou uso de armas nucleares.<sup>107</sup>

---

<sup>104</sup> Comprehensive Nuclear-Test-Ban Treaty (CTBT). *United Nations Office for Disarmament Affairs*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.un.org/disarmament/wmd/nuclear/ctbt/>>. Tradução do autor. Texto Original: “...India, for its part, stated that it could not go along with a consensus on the draft text and its transmittal to the United Nations General Assembly. The main reasons for such a decision, as India pointed out, were related to its strong misgivings about the provision for the entry-into-force of the treaty, which it considered unprecedented in multilateral practice and running contrary to customary international law, and the failure of the treaty to include a commitment by the nuclear-weapon States to eliminate nuclear weapons within a time-bound framework.”

<sup>105</sup> Comprehensive Nuclear-test-ban Treaty. ONU. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <[https://www.ctbto.org/fileadmin/content/treaty/treaty\\_text.pdf](https://www.ctbto.org/fileadmin/content/treaty/treaty_text.pdf)>.

<sup>106</sup> Preparatory Commission for the Comprehensive Nuclear-Test-Ban Treaty Organization. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.ctbto.org/the-treaty/status-of-signature-and-ratification/>>.

<sup>107</sup> Treaty on the prohibition of nuclear weapons. *United Nations Office for Disarmament Affairs*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em. <<https://www.un.org/disarmament/wmd/nuclear/tpnw/>>. Tradução do autor. Texto original: “The Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons (TPNW) includes a comprehensive set of

A primeira manifestação sobre a possibilidade de criação de um tratado dessa abrangência ocorreu no documento final da Revisão da Conferência dos Membros do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares do ano de 2010, sendo que, desde então, tal tema tem sido debatido anualmente, estando presente em cinco resoluções.

Com o progresso das discussões sobre a temática, em 7 de julho de 2017 o tratado foi adotado pela Conferência das Nações Unidas e aberto para assinatura em 20 de setembro do mesmo ano.<sup>108</sup>

Entretanto, um elemento digno de nota, assim como no tratado anterior, é sua atual situação e status. Como é previsto em seu texto, o documento internacional ganharia a característica de entrada em vigor noventa dias após a quinquagésima ratificação.<sup>109</sup> No atual momento existem 69 signatários e 19 Estados membros.<sup>110</sup> Dentre os Estados que assinaram o documento, o Brasil foi o primeiro, no entanto, ainda não o ratificou. No 10 de outubro de 2018, este foi o pronunciamento oficial da nação brasileira: “O Brasil tem a honra de ter sido o primeiro país a assinar. Nosso processo de ratificação está em andamento.”<sup>111</sup>

Em referência a este tratado, a Campanha Internacional da Abolição das Armas nucleares tem sido uma parte extremamente importante no seu progresso e em sua atualização, proporcionando um estudo e uma análise detalhados do cenário nuclear internacional com grande assiduidade. Tamanho foram seus esforços na área que no ano de 2017 a instituição foi a vencedora do Prêmio Nobel da Paz.<sup>112</sup>

Por fim, no último capítulo deste trabalho de conclusão de curso, daremos enfoque especial à nação norte coreana, explorando sua história nuclear e seu posicionamento perante

---

prohibitions on participating in any nuclear weapon activities. These include undertakings not to develop, test, produce, acquire, possess, stockpile, use or threaten to use nuclear weapons. The Treaty also prohibits the deployment of nuclear weapons on national territory and the provision of assistance to any State in the conduct of prohibited activities. States parties will be obliged to prevent and suppress any activity prohibited under the TPNW undertaken by persons or on territory under its jurisdiction or control. The Treaty also obliges States parties to provide adequate assistance to individuals affected by the use or testing of nuclear weapons, as well as to take necessary and appropriate measure of environmental remediation in areas under its jurisdiction or control contaminated as a result of activities related to the testing or use of nuclear weapons.”

<sup>108</sup>Treaty on the prohibition of nuclear weapons. *United Nations Office for Disarmament Affairs*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.un.org/disarmament/wmd/nuclear/tpnw/>>.

<sup>109</sup>Treaty on the prohibition of nuclear weapons. *United Nations Office for Disarmament Affairs*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.un.org/disarmament/wmd/nuclear/tpnw/>>.

<sup>110</sup>Signature/ratification status of the Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons. *International Campaign to Abolish Nuclear Weapons*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<http://www.icanw.org/status-of-the-treaty-on-the-prohibition-of-nuclear-weapons/>>.

<sup>111</sup>Progress towards ratification. *International Campaign to Abolish Nuclear Weapons*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<http://www.icanw.org/progress-towards-ratification/>>. Texto Original: “[Brazil] is honoured to have been the first country to sign. Our ratification process is underway.”

<sup>112</sup>Looking back at ICAN’s first year as a Nobel Peace Prize Laureate. *International Campaign to Abolish Nuclear Weapons*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<http://www.icanw.org/campaign-news/looking-back-at-icans-first-year-as-a-nobel-peace-prize-laureate/>>.

o resto da comunidade internacional sobre o tema. Após esta análise, trabalharemos sobre o cenário internacional como um todo, observando a natureza de vários países importantes na temática, colocando em perspectiva suas políticas internacionais e seus interesses individuais.

## **6 O MUNDO PÓS ARMAS NUCLEARES**

### **6.1 A NUCLEARIZAÇÃO DA COREIA DO NORTE**

Neste ponto deste estudo, já trabalhamos com vários elementos importantes para compreensão do atual cenário nuclear mundial. Ao mesmo tempo que fizemos uma análise histórica da nação coreana, buscando compreender o porquê de seu posicionamento antiocidental, também já criticamos o propósito e o papel das armas nucleares, tanto em seu único uso, em agosto de 45, quanto como elemento político, realidade extremamente proeminente durante o período da Guerra Fria. Logo, neste momento, traremos luz à nuclearização da nação coreana, dando enfoque aos eventos mais marcantes de sua história nuclear, aos tratados internacionais sobre a temática que lhe envolviam diretamente, e às políticas nucleares durante o período da Guerra Fria que impactaram fortemente a península.

Para compreendermos a história nuclear da Coreia do Norte devemos voltar para própria concepção do país. Durante a Guerra da Coreia, existiram momentos que os Estados Unidos da América cogitaram o uso de armamento nuclear, como este artigo jornalístico americano, do ano de 2006, mostra

Há mais de 50 anos de história na tentativa de Pyongyang de ganhar uma arma nuclear, desencadeada em parte pelas ameaças dos presidentes Harry S. Truman e Dwight D. Eisenhower para acabar com a Guerra da Coreia. Em 1950, quando um repórter perguntou a Truman se usaria bombas atômicas em uma época em que a guerra estava indo mal, o presidente disse: "Isso inclui todas as armas que temos". Três anos depois, Eisenhower fez uma ameaça velada, dizendo que "removeria todas as restrições ao uso de armas" se o governo norte-coreano não negociasse de boa fé o fim daquela guerra sangrenta.<sup>113</sup>

Por conta deste cenário de tensões com o ocidente, em 1965, a Coreia do Norte começou seu projeto nuclear, visto que tinha acabado de adquirir da União Soviética um reator de pesquisa nuclear de baixa potência e possuía minas de urânio. Na década seguinte, a construção de um segundo reator já tinha sido completada, porém por pressão internacional, a

---

<sup>113</sup> PINCUS, Walter. N. Korean Nuclear Conflict Has Deep Roots. *Washington Post*. 15 de outubro de 2006. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/10/14/AR2006101401068.html?noredirect=on>>. (Tradução do autor). Texto Original: "There is more than 50 years of history to Pyongyang's attempt to gain a nuclear weapon, triggered in part by threats from Presidents Harry S. Truman and Dwight D. Eisenhower to end the Korean War. In 1950, when a reporter asked Truman whether he would use atomic bombs at a time when the war was going badly, the president said, "That includes every weapon we have." Three years later, Eisenhower made a veiled threat, saying he would "remove all restraints in our use of weapons" if the North Korean government did not negotiate in good faith an ending to that bloody war."

Agência Internacional de Energia atômica (IAEA) foi concedida permissão para inspecionar o primeiro reator em 1977.

O crescimento clandestino da tecnologia nuclear coreana teve de fato seu começo durante a década de 80, com a criação de um terceiro reator que era capaz de processar material nuclear para sua forma passível de ser usada em armas; conjuntamente com testes de explosivos químicos de alta potência. Com a descoberta desse reator não declarado, em 1985, para apaziguar as tensões com a América do Norte, Pyongyang acaba assinando o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (NPT).

Apenas cinco anos depois, através do serviço de inteligência americano, foi-se descoberto mais uma instalação nuclear norte coreana, uma que se estimava ser capaz de retirar plutônio de combustível nuclear, processo necessário para transformação desse combustível em material nuclear passível de uso bélico.

Como consequência dessa última infração, devemos neste momento mencionar o tratado bilateral que ficou conhecido como a Declaração Conjunta das Coreias do Sul e do Norte sobre a Desnuclearização da Península Coreana.

Tal declaração, que entrou em vigor em 19 de fevereiro de 1992, foi resultado da pressão internacional, especialmente americana, às infrações norte coreanas ao NPT, e acabou fazendo com que a Coreia do Norte concordasse com inspeções por parte da IAEA às suas instalações. Como objetivos, este tratado tinha pretensões de garantir que ambas coreias não testassem, fabricassem, produzissem, recebessem, possuíssem, armazenassem, implantassem ou usassem armas nucleares, de tal forma que o uso da energia nuclear fosse apenas para fins pacíficos, especificamente energéticos. Também implicava que nenhum dos países possuíssem instalações para reprocessamento nuclear e enriquecimento de urânio.<sup>114</sup> Entretanto, caso observemos os resultados desse tratado, isto é o que a Nuclear Threat Initiative tem a dizer

De acordo com a Declaração Conjunta, os dois lados conduzirão inspeções de locais escolhidos pelo outro lado e mutuamente acordados por ambos os lados. As duas Coreias também estabeleceram a Comissão de Controle Nuclear Sul-Norte (JNCC) como um mecanismo de implementação da Declaração Conjunta de Desnuclearização (JDD) em março de 1992. O JNCC não conseguiu chegar a um acordo sobre o regime de inspeção recíproca e foi paralisado desde 1993.<sup>115</sup>

---

<sup>114</sup> Joint Declaration of South and North Korea on the Denuclearization of the Korean Peninsula. *Nuclear Threat Initiative*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.nti.org/learn/treaties-and-regimes/joint-declaration-south-and-north-korea-denuclearization-korean-peninsula/>>.

<sup>115</sup> Joint Declaration of South and North Korea on the Denuclearization of the Korean Peninsula. *Nuclear Threat Initiative*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.nti.org/learn/treaties-and-regimes/joint->

Tal declaração da instituição provém do fato de que em 1993 a Coreia do Norte não permitiu a inspeção dos agentes internacionais em duas de suas instalações científicas e, como resultado do conseqüente atrito político com a América do Norte, acabou ameaçando sair do NPT.

Os dois anos seguintes foram cheios de tensões entre Estado Unidos e Coreia do Norte, porém, eventualmente, em 1994, ambas nações conseguiram alcançar um acordo que ficou conhecido como Agreed Framework ou, como mencionamos anteriormente, o Acordo entre E.U.A e Coreia do Norte de 21 de outubro de 1994. Tal acordo garantiria que

a Coreia do Norte iria congelar e eventualmente dismantelar seu programa de armas nucleares. Em troca, seria abastecido com combustível convencional e, em última análise, com dois reatores de água leve que não poderiam produzir combustível em potencial para armas.<sup>116</sup>

Sendo este o cenário que temos na década de 90, veremos que o eventual colapso desse acordo se dá em função do início do período de testes de mísseis por parte da Coreia do Norte, mais especificamente, o teste de mísseis de Taepodong de 1998. Poucos anos depois, em 2002, o serviço de inteligência americana confirmou a existência de instalações científicas de enriquecimento de urânio. Isso gera com que em 4 de outubro de 2002, uma reunião bilateral entre o governo coreano e o governo americano ocorra, reunião na qual o líder norte coreano admitiu possuir instalações destinadas ao enriquecimento de urânio.

Devido este acontecimento, as tensões escalam entre as duas nações, levando ao término ou o congelamento dos projetos que estavam em andamento, como a construção dos reatores de água leve e a venda de petróleo para a Coreia do Norte. Como resposta à essa atitude americana, o governo norte coreano expulsa os especialistas da IAEA de seu país no dia 31 de dezembro de 2002 e, em 10 de janeiro de 2003, declara sua saída no NPT.<sup>117</sup>

Tais atitudes levaram os Estados Unidos, no mesmo ano, a abandonarem o acordo e decidindo abordar a problemática por outra perspectiva. Assim nasceu os Diálogos das Seis Países<sup>118</sup> que, de acordo com a Associação de Controle de Armas

As conversas entre os seis países foram uma série de negociações multilaterais mantidas intermitentemente desde 2003 e com a participação da China, Japão,

---

declaration-south-and-north-korea-denuclearization-korean-peninsula/>.

<sup>116</sup> PINCUS, Walter. N. Korean Nuclear Conflict Has Deep Roots. *Washington Post*. 15 de outubro de 2006. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/10/14/AR2006101401068.html?noredirect=on>>. (Tradução do autor). Texto Original: "North Korea would freeze and eventually dismantle its nucleares weapons program. In return, it would be supplied with conventional fuel and ultimately with two light-water reactors that could not produce potential weapons-grade fuel."

<sup>117</sup> The U.S.-North Korean Agreed Framework at a Glance. *Arms Control Association*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.armscontrol.org/factsheets/agreedframework>>.

<sup>118</sup> The Six-Party Talks at a Glance. *Arms Control Association*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.armscontrol.org/factsheets/6partytalks>>.

Coréia do Norte, Rússia, Coréia do Sul e Estados Unidos, com o objetivo de desmantelar o programa nuclear da Coréia do Norte. As palestras foram realizadas em Beijing e presididas pela China. A Coréia do Norte decidiu não mais participar do processo de seis partes em 2009. Nos anos seguintes, outros participantes, especialmente a China, pediram periodicamente a retomada do processo.<sup>119</sup>

Neste momento, chegamos aos acontecimentos mais recentes, pois, desde a saída da Coreia do Norte dos Diálogos, diversos testes nucleares ocorreram por parte da nação comunista e diversas foram as sanções e as pressões internacionais que a nação coreana sofreu.

Entretanto, dos acontecimentos mais recentes, devemos apontar, com certo destaque, a reativação do Diálogo das Seis Nações, que ocorreu no começo do ano de 2018. De forma certamente histórica, graças a uma mudança significativa do cenário político internacional durante a segunda metade dessa década, em 2018 o líder norte coreano reabriu seus diálogos com a nação sul coreana e com os Estados Unidos, chegando a reuniões e encontros pessoais entre os líderes dessas nações.

Por mais que pouco tenha sido feito até o momento em relação a avanços significativos, tal mudança de posicionamento da Coreia do Norte pode se mostrar eventualmente mais comprometido, mesmo que essa não seja a realidade atual.

## 7 CONCLUSÃO

A tecnologia nuclear para fins bélicos, como este trabalho buscou apresentar, envolve mais elementos políticos e diplomáticos do que inicialmente aparenta. Da mesma forma que armas nucleares possuem o poder de destruição necessário para modificar completamente o cenário à sua volta, a tecnologia nuclear moldou e modificou todo o cenário político internacional desde o momento de sua concepção.

Ao percebermos a natureza política dos atentados de Hiroshima e Nagasaki durante a Segunda Guerra Mundial, se torna evidente que a era nuclear foi uma das forças motoras de construção da comunidade internacional desde o começo da Guerra Fria. Com os gastos exorbitantes graças à corrida armamentista e a corrida espacial, envolvendo diariamente a ameaça constante de um conflito nuclear, o período de atrito entre a antiga União Soviética e os Estados Unidos da América mostraram ao mundo como uma arma pode ser muito mais

---

<sup>119</sup> The Six-Party Talks at a Glance. *Arms Control Association*. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.armscontrol.org/factsheets/6partytalks>>. (Tradução do autor). Texto original: “The six-party talks were a series of multilateral negotiations held intermittently since 2003 and attended by China, Japan, North Korea, Russia, South Korea, and the United States for the purpose of dismantling North Korea’s nuclear program. The talks were hosted in Beijing and chaired by China. North Korea decided to no longer participate in the six-party process in 2009. In subsequent years, other participants, notably China, have called periodically for a resumption of the process.”

perigosa pela sua mera existência do que pelo seu uso real.

Quando analisamos este objeto de destruição em massa, que garantiu tamanho poder e influência política para países como os líderes do antigo bloco socialista e o líder do bloco capitalista, se torna compreensível porque países como Irã e Coreia do Norte buscam seus próprios artefatos nucleares.

Se observarmos o atual cenário político pela perspectiva da nação norte coreana, veremos o mundo do século XXI como um mundo onde seus maiores agressores estão no alto da hierarquia política internacional. Se torna compreensível o comportamento do governo norte coreano quando percebemos o quanto sem voz essa nação se encontra quando países como Japão e Estados Unidos dominam a política e a economia mundial.

Entretanto, o artifício da tecnologia nuclear só se apresenta como um viável em vista de um grupo seleto de países terem legitimidade para com essa tecnologia. Desta forma, como mencionado anteriormente, o comportamento da Coreia do Norte é, em si, previsto pela teoria de equilíbrio dos poderes, visto que essa nação busca ir contra o *status quo*, enquanto os tratados internacionais que garantem a hegemonia de países como Estados Unidos, buscam manter ele.

Contudo, como também vimos neste trabalho, o uso da tecnologia nuclear como ferramenta política é simplesmente perigoso e instável demais para que se possa ser permitida a existência de tal arma.

É inevitável que cheguemos a conclusão que, enquanto existirem países que possuem de forma legítima o uso e o direito sobre uma arma tão poderosa quanto essa, existirão, conseqüentemente, aqueles que se oporão a essa hegemonia, na busca dessa tecnologia para si mesmo.

Desta forma, enquanto a comunidade internacional busca a desnuclearização da península através de tratados, sanções e pressões econômicas, faz-se necessário que percebam que, o verdadeiro motivo pelo qual uma nação como a Coreia do Norte busca de forma tão incessante essa tecnologia, é pelo mero fato de que outros países, que possuem mais poder, dinheiro e influência que si, também possuem essa arma. Quando utilizamos um argumento político como uma arma nuclear, as outras diferenças entre os Estados se tornam irrelevantes, visto o poder absoluto de destruição que essa tecnologia tem.

Ao final, podemos perceber que o atual cenário internacional se apresenta de forma bem congruente com as teorias das relações internacionais que trabalhamos neste trabalho de conclusão de curso. O único, porém, é, caso haja um conflito que utilize essas ferramentas que temos atualmente em nossa disposição, como o famoso cientista Albert Einstein disse: Não

sei com que armas a III Guerra Mundial será lutada. Mas a IV Guerra Mundial será lutada com paus e pedras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agência Internacional de Energia Atômica. **Estatuto da Agência Internacional de Energia Atômica**. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.iaea.org/about/statute>>.

AMORIM, Celso Luís Nunes. Entre o Desequilíbrio Unipolar e a Multipolaridade: o Conselho de Segurança da ONU no Período Pós-Guerra Fria. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**. 1998, p. 01. [Acessado em 27/10/2018]. Disponível em <[http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/amorimdesequil\\_briounipolar.pdf](http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/amorimdesequil_briounipolar.pdf)>.

ARMAS nucleares globais: a modernização continua sendo a prioridade. **Instituto Internacional de Pesquisa em Paz-SIPRI**. Estocolmo, jul. 2017. [Acessado em 17/10/2018]. Disponível em <<https://www.sipri.org/media/press-release/2017/global-nuclear-weapons-modernization-remains-priority>>.

Arms Control Association. **The Six-Party Talks at a Glance**. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.armscontrol.org/factsheets/6partytalks>>.

Arms Control Association. **The U.S.-North Korean Agreed Framework at a Glance**. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.armscontrol.org/factsheets/agreedframework>>.

Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas. **Resolução 55/33S**. 2000.

ÁVILA, Fabrício Schiavo; CEPIK, Marco; MARTINS, José Miguel. Armas Estratégicas e Poder no Sistema Internacional: O Advento das Armas de Energia Direta e seu Impacto Potencial sobre a Guerra e a Distribuição Multipolar de Capacidades. **Contexto Internacional**, vol. 31, nº 1, jan./abr., 2009, p.50.

BANDARRA, Leonardo Carvalho Leite Azeredo; MARTUSCELLI, Patrícia Nabuco. A institucionalização da política internacional nuclear: Entre a não proliferação de armas e a prevenção contra acidentes. **Brazilian Journal of International Relations-BJIR**, v. 6, n. 3, set./dez. 2017 p. 543-572.

Centre européen Robert Schuman. **World War I casualties**. Acessado em [07/11/18]. Disponível em: <<http://www.centre-robert-schuman.org/userfiles/files/REPERES%20E2%80%93%20module%201-1-1%20-%20explanatory%20notes%20E2%80%93%20World%20War%20I%20casualties%20E2%80%93%20EN.pdf>>.

COMITÊ das Nações Unidas para o Uso Pacífico do Espaço Exterior. **United Nations Office for Outer Space Affairs**. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<http://www.unoosa.org/oosa/en/ourwork/copuos/index.html>>.

Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas. **Resoluções das Nações Unidas Nº 82, 83 e 84**. Acessado em [31/10/2018]. Mais informações disponíveis em <<http://unscr.com/en/resolutions/doc/82>>;<<http://unscr.com/en/resolutions/doc/83>>;<<http://unscr.com/en/resolutions/doc/84>>.

CONSEQUENCES of a large nuclear war. **Nucleardarkness.org**. Acessado em [07/11/18]. Disponível em: <<http://www.nucleardarkness.org/warconsequences/hundredfiftytonessmoke/#summaryofconsequences150>>.

CORRÊA, Fernanda das Graças. A balança de poder sob a ótica de Kenneth Waltz: Uma discussão da teoria sistêmica. **Revista InterAção**, v. 11, n. 11. jul./dez., 2016, p.39 e 40.

DISCURSO do Presidente Harry S. Truman sobre o ataque nuclear a Hiroshima. Disponível em <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/august-6-1945-statement-president-announcing-use-bomb>>

DREA, Edward J.: **Japan's Imperial Army. Its Rise and Fall, 1853-1945**. University Press. 2009.

ECONOMIC Costs. **Research World War**. Acessado em [07/11/18]. Disponível em: <<https://researchworldwar2.weebly.com/economic-costs.html>>.

Joint Declaration Of South And North Korea On The Denuclearization Of The Korean Peninsula. **Nuclear Threat Initiative**. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.nti.org/learn/treaties-and-regimes/joint-declaration-south-and-north-korea-denuclearization-korean-peninsula/>>.

JUNIOR, Jupy Montenegro Magalhães; MARQUES, Fernando Mário Rodrigues. A proliferação nuclear. **Revista de Administração Pública**, 12 (4). Out/dez., 1978.

GORDENKER, Leon. The United Nations, the United States Occupation and the 1948 Election in Korea. **Political Science Quarterly Vol. 73, No. 3**. Sep., 1958, pp. 426-450 (25 pages). Acessado em [30/10/2018]. Disponível em <[https://www.jstor.org/stable/2145848?seq=1#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/2145848?seq=1#metadata_info_tab_contents)>.

HISTÓRIA e Mandato. **Comitê Científico das Nações Unidas sobre os Efeitos da Radiação Atômica**. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <[http://www.unscear.org/unscear/en/about\\_us.html](http://www.unscear.org/unscear/en/about_us.html)>.

HERZ, John H. Idealist Internationalism and the Security Dilemma. **World Politics, Vol. 2, No. 2** (jan., 1950), pp. 157-180. Acessado em [12/11/18]. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2009187>>.

LECKIE, Robert. Conflict: The History of the Korean War 1950-1953. **New York: G. P. Putnam's Sons**. 1962. pp. 34. Acessado em [13/11/2018]. Disponível em <<https://archive.org/details/conflictthehisto013655mbp/page/n259>>.

Looking back at ICAN's first year as a Nobel Peace Prize Laureate. **International Campaign to Abolish Nuclear Weapons**. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<http://www.icanw.org/campaign-news/looking-back-at-icans-first-year-as-a-nobel-peace-prize-laureate/>>.

LTC GLANTZ, David M.: Leavenworth Papers No. 7. **Combat Studies Institute**. Fevereiro 1983. Acessado em [31/10/2018]. Disponível em <<https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/combat-studies-institute/csi-books/Glantz-lp7.pdf>>.

MCMAHON, Robert. **The Cold War: A Very Short Introduction**. Oxford University Press. 2003.

MERRILL, John. "Cheju-do Rebellion", **The Journal of Korean Studies**, pp. 139–197, 1980.

NUCLEAR Deterrence. **Politics.co.uk**. 2012. Acessado em [10/11/2018]. Disponível em <<http://www.politics.co.uk/reference/nuclear-deterrence/>>.

Nuclear Threat Initiative. **Treaties and Regimes, Nuclear Weapons**. Acessado em [07/11/2018]. Disponível em <<https://www.nti.org/learn/treaties-and-regimes/treaties/>>.

Organização das Nações Unidas (ONU). **Carta das Nações Unidas, Cap. I, Propósitos e Princípios**. 26 de junho de 1945

Organização das Nações Unidas (ONU). **Preparatory Commission for the Comprehensive Nuclear-Test-Ban Treaty Organization**. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.ctbto.org/>>.

**Organização das Nações Unidas (ONU)**. Primeira Resolução das Nações Unidas. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://documents-dds-ny.un.org/doc/RESOLUTION/GEN/NR0/032/52/IMG/NR003252.pdf?OpenElement>>.

Pact of neutrality between union of soviet socialist republics and japan. **Soviet-Japanese Neutrality Pact**. April 13, 1941. Acessado em [31/10/2018]. Disponível em <<http://avalon.law.yale.edu/wwii/s1.asp>>.

PINCUS, Walter. N. Korean Nuclear Conflict Has Deep Roots. **Washington Post**. 15 de outubro de 2006. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/10/14/AR2006101401068.html?noredirect=on>>

Progress towards ratification. **International Campaign to Abolish Nuclear Weapons**. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<http://www.icanw.org/progress-towards-ratification/>>. Texto Original: “[Brazil] is honoured to have been the first country to sign. Our ratification process is underway.” (Tradução do autor)

SAVADA, Andrea Matles Savada; SHAW, William. South Korea: A Country Study: South Korea Under United States Occupation, 1945-48. **Washington: GPO for the Library of**

**Congress.** 1990. Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<http://countrystudies.us/south-korea/9.htm>>.

Signature/ratification status of the Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons. **International Campaign to Abolish Nuclear Weapons.** Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<http://www.icanw.org/status-of-the-treaty-on-the-prohibition-of-nuclear-weapons/>>.

TEAM, The Vietnam War. What is a proxy war? **The Vietnam War.** 8 de maio de 2014. Acessado em [07/11/2018]. Disponível em <<https://thevietnamwar.info/proxy-war/>>

The Foreign Ministers of the United States, the United Kingdom and Soviet Union. **Moscow Meeting of Council of Foreign Ministers.** Moscow, 1945. Disponível em <<http://www.loc.gov/law/help/us-treaties/bevans/m-ust000003-1341.pdf>>.

The Potsdam Conference, 1945. **Office of the historian.** EUA. Acessado em [01/11/2018]. Disponível em <<https://history.state.gov/milestones/1937-1945/potsdam-conf>>.

THE Space Race. **History A&E Television Networks.** Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.history.com/topics/cold-war/space-race>>.

THE Truth About Israel's Secret Nuclear Arsenal. **The Guardian.** Jan. 2014. [Acessado em 27/10/2018]. Disponível em <<https://www.theguardian.com/world/2014/jan/15/truth-israels-secret-nuclear-arsenal>>.

United Nations Office for Disarmament Affairs. **Comprehensive Nuclear-Test-Ban Treaty (CTBT).** Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.un.org/disarmament/wmd/nuclear/ctbt/>>.

United Nations Office for Disarmament Affairs. **Treaty on the prohibition of nuclear weapons.** Acessado em [07/11/18]. Disponível em <<https://www.un.org/disarmament/wmd/nuclear/tpnw/>>

WILSON, Ward. The Bomb Didn't Beat Japan ... Stalin Did. **Foreign Policy Magazine.** Maio. 2013. Acessado em [31/10/2018]. Disponível em <<https://foreignpolicy.com/2013/05/30/the-bomb-didnt-beat-japan-stalin-did/>>

WORLD War II Fast Facts. **CNN.** Sep. 2018 Acessado em [07/11/18]. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2013/07/09/world/world-war-ii-fast-facts/index.html>>.

YI, Tae-Jin.: Treaties Leading to Japan's Annexation of Korea: What Are the Problems? **Korea Journal, Vol.56. No.4.** Winter, 2016, pp. 5~32.

50 anos do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares. **Fundação FHC.** Março 2018. [Acessado em 27/10/2018]. Disponível em <<https://medium.com/funda%C3%A7%C3%A3o-fhc/50-anos-do-tratado-de-n%C3%A3o-prolifera%C3%A7%C3%A3o-de-armas-nucleares-14a49fba3b9f>>.